

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA



MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

**Conflitos Armados Como Causadores de Choques no Preço
do Petróleo e seus Impactos na Economia**

Rodrigo Veras

Matrícula: 1912501

Orientador(a): Eliane Gottlieb

Rio de Janeiro, Junho de 2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

CONFLITOS ARMADOS COMO CAUSADORES DE CHOQUE NO PREÇO DO
PETRÓLEO E SEUS IMPACTOS NA ECONOMIA

Rodrigo Veras

No. de Matrícula: 1912501

Orientador: Eliane Gottlieb

Junho de 2023

Declaro que o presente trabalho é de minha autoria e que não recorri para realizá-lo, a nenhuma forma de ajuda externa, exceto quando autorizado pelo professor tutor.

As opiniões expressas neste trabalho são de responsabilidade única e exclusiva do autor

Agradecimentos

Em primeiro lugar, deixo minha gratidão incondicional aos meus pais, Ana Christina e Mario Renato, por jamais medirem esforços para que eu tivesse acesso a educação, mas também para que acima de tudo me tornasse a melhor pessoa que eu poderia ser.

Ao meu irmão, Rafael, por ser meu grande parceiro em todos os momentos e sempre extrair o melhor de mim, pois sei que tenho que ser um bom exemplo para ele.

Agradeço também aos professores, que ao longo do curso ampliaram minha visão e meu discernimento sobre a economia e seus impactos na sociedade. Em especial, a professora Eliane, pelas orientações dedicadas e apoio na conclusão desta monografia.

Por fim, deixo um agradecimento também ao meu chefe, Airton, por me ajudar a me manter focado e dedicado, pelos ensinamentos e pela compreensão nos momentos de necessidade.

Sumário

1 - Introdução.....	7
2 - Dados.....	8
3 - Choques de Petróleo da Década de 1970 e seus Reflexos sobre a Economia Mundial.....	9
3.1 - A Guerra do Yom Kippur.....	9
3.2 - O Choque de 1973.....	10
3.3 - Os Efeitos do Embargo Árabe sobre a Economia.....	11
3.4 - A Revolução Iraniana e a Guerra Irã-Iraque.....	14
3.5 - O Choque de 1979/1980.....	17
3.6 - Impactos do Segundo Choque na Economia Global.....	21
3.7 - Uma Análise dos Períodos Pós Primeiro e Segundo Choques.....	27
4 - Conflitos no Golfo e o Terceiro Choque de Petróleo.....	30
4.1 - A Invasão do Kuwait e a Guerra do Golfo.....	30
4.2 - O Choque de 1990.....	32
4.3 - Efeitos Econômicos do Choque de 1990 e Diferenças em Relação aos Choques Passados.....	37
5 - O Conflito na Ucrânia e o Impacto Sobre a Economia Mundial.....	41
5.1 - A Guerra da Ucrânia.....	41
5.2 - O Impacto dos Embargos sobre o Petróleo Russo.....	42
5.3 - Efeitos da Invasão Russa e Como o Mercado Absorveu os Impactos.....	44
6 - Conclusão.....	49
7 - Bibliografia.....	50

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Variação do Barril de Petróleo em Dólares Americanos 1970-1977.....	11
Gráfico 2: Percentual de Inflação das Economias Após o Choque de 73.....	13
Gráfico 3: Taxa de Crescimento das Economias 1969-1976.....	14
Gráfico 4: Inflação das Economias Durante ao Longo do Choque de 79.....	24
Gráfico 5: Taxa de Crescimento das Economias Frente ao Choque de 79.....	25
Gráfico 6: Produção Mensal de Petróleo no Contexto da Guerra do Golfo.....	33
Gráfico 7: Exportação de Petróleo Cru no Choque de 1990.....	34
Gráfico 8: Preço do Barril de Petróleo em dólares americanos 1990-1991.....	36
Gráfico 9: Taxa de Inflação no Período da Guerra do Golfo.....	38
Gráfico 10: Variação do Crescimento do PIB das Economias no Contexto da Guerra do Golfo.....	39
Gráfico 11: Consumo de Petróleo Baseado no Preço do Barril 1970-1995.....	40
Gráfico 12: Flutuação do Preço do Barril de Petróleo 01/21-03/23.....	43
Gráfico 13: Variação da Taxa de Inflação entre 2019-2022.....	45
Gráfico 14: Evolução da Matriz Energética Mundial.....	47

Lista de Tabelas

Tabela 1: Produção de Petróleo.....	21
Tabela 2: Reação da Taxa de Juros Real ao Choque de 79.....	24
Tabela 3: Empréstimos Bancários em Euro de 1979 a 1983.....	27
Tabela 4: Distribuição de Reservas Mundiais e Produção de Petróleo.....	35
Tabela 5: Taxas de Juros Neutros e Próximas Reuniões de Conselhos de Política Monetária Locais.....	46

1 Introdução

Principal fonte energética global, o petróleo foi, e ainda é, responsável por gerar disputas diplomáticas e conflitos armados ao redor do mundo pelo controle de seus pontos de produção. Ao longo da história, a variação do preço da principal *commodity* foi responsável por provocar alterações em escalas massivas na economia global em diferentes ocasiões. Um caso recente responsável por gerar efeitos aparentemente semelhantes foi o da Guerra entre Rússia e Ucrânia. Motivado por entender os possíveis desdobramentos sobre o mercado de petróleo e, por consequência, sobre a economia global, vamos analisar este acontecimento em comparação com os três grandes choques do século passado. Nesta obra, vamos revisitar os principais casos onde os choques no preço do petróleo afetaram o mercado internacional e como seus efeitos se dissiparam pelos países ao redor do mundo, entendendo também o contexto histórico e geopolítico no qual estavam inseridos. A importância de entender os conflitos que contextualizam esses eventos serve para ressaltar o fato de como um embate regional pode desencadear consequências globalizadas através dos mecanismos econômicos, ressaltando assim a importância da economia sobre a vida cotidiana. O método de comparação ocorreu através da análise das principais variáveis macroeconômicas, como a inflação e a taxa de crescimento do PIB, ocasionalmente tendo outros parâmetros que reforçam a ideia elaborada.

Nesse sentido, veremos como o primeiro choque de petróleo em 1973, que começou como um confronto bélico entre países não produtores da *commodity*, culminaram em consequências a nível global, forçando povos que nada tinham a ver com o acontecimento à recessão e ao baixo crescimento.

Em seguida, vamos analisar a segunda e mais severa crise de preços do óleo, desencadeada pela Revolução Iraniana de 1979 e agravada pela Guerra Irã-Iraque. A súbita interrupção da cadeia de oferta da principal fonte de combustível do planeta na época ocasionou uma das piores recessões da história da humanidade, tendo resultados

adversos duradouros tanto nas economias centrais do sistema capitalista quanto àquelas à margem deste.

Mais tarde, abordaremos o terceiro choque do petróleo, nos anos 90, com o governo beligerante iraquiano, cujos longos anos em guerra e a falta de capacidade de coação internacional a fim de garantir seus interesses o levaram a outro conflito armado. A confusão no Golfo Pérsico provocou mais uma das acentuadas subidas no preço do principal produto de exportação da região, que, mais uma vez, levou o mundo a experimentar o gosto amargo da recessão e do baixo crescimento.

Por fim, vamos analisar o conflito entre Rússia e Ucrânia, a fim de entender os desdobramentos da invasão russa sobre o mercado de petróleo e sua magnitude frente aos que foram previamente citados. No entanto, a duração da guerra é um fator que joga contra essa avaliação. Até o momento de conclusão desta obra, o embate entre as duas nações ainda se arrasta. Por esse motivo, encontrar artigos acadêmicos que abordam esse cerne tornou-se uma tarefa mais complicada do que o imaginado. Assim, a análise desses impactos foi baseada em notícias dos principais veículos da mídia, com argumentos de autoridades especialistas quando possível..

2 Dados

Os dados utilizados neste documento foram retirados de fontes confiáveis e especializadas no assunto. Para os valores do preço histórico do barril do petróleo, foram usadas planilhas disponibilizadas no site da IPEA (FGV), que realiza um trabalho de coleta de dados diretamente do FMI. Em alguns momentos, no entanto, o valor do barril de petróleo foi retirado diretamente de artigos científicos e ou livros de autores especializados, com as referências bibliográficas devidamente aplicadas.

Quanto aos dados de inflação, taxa de crescimento do PIB e taxa de juros real, foram utilizadas planilhas com o conteúdo disponível no site do Banco Mundial. Novamente, em algumas passagens específicas os valores são retirados de artigos ou livros que abordam o tema, com as devidas referências indicadas.

3 - Choques de Petróleo da Década de 1970 e seus Reflexos sobre a Economia Mundial

3.1 - A Guerra do Yom Kippur

A Guerra do Yom Kippur foi um conflito armado ocorrido em outubro de 1973 envolvendo Israel e Egito, mas também contou com grande participação da Síria e de outros países árabes de forma mais contida, como a Jordânia. Para entendermos as causas da guerra, antes precisamos reconhecer a origem do constante conflito entre árabes e israelenses que perdura desde a criação do Estado de Israel em 1948, gerando grande rejeição dos árabes à presença do povo israelense.

Conflito esse que, no que diz respeito às partes envolvidas no caso a ser analisado, foi agravado pela Guerra dos Seis Dias. Esse confronto ocorreu em 1967 onde, durante seis dias, Israel lançou ofensivas sobre os territórios fronteiriços egípcios e sírios. Como resultado, os israelenses ficaram com esses territórios, provocando um grande sentimento de rivalidade nos derrotados.

Em 1970, morria no Egito Gamal Abdel Nasser, então presidente da nação marcado pela sua forte política nacionalista e por ser um grande apoiador do movimento panarabista¹. Com sua morte, Anwar al Sadat assumiu como novo presidente. Apesar de ser considerado como um líder mais moderado, tendo inclusive recebido um prêmio Nobel da Paz em 1978², planejou um ataque em conjunto com Hafez Al-Assad, líder sírio à época, para recuperar o Sinai e as Colinas de Golã, pedaços de terra tomados na

¹ HARDY, Roger. Crise do Canal de Suez fez de Nasser um ícone árabe, BBC, 2006.

Disponível em:

https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2006/07/printable/060725_nassersuez_is

² Nasser morre, vítima de ataque cardíaco, e Sadat se torna presidente do Egito. O GLOBO, 20/09/2013Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/acervo/fatos-historicos/nasser-morre-vitima-de-ataque-cardiaco-sadat-se-torna-presidente-do-egito-10059931>

Guerra dos Seis Dias. Assim, no dia 6 de outubro de 1973, no feriado judaico do *Yom Kippur* (dia do perdão), Egito e Síria lançaram uma ofensiva surpresa para expulsar Israel de suas antigas terras. Ainda que a Primeira-Ministra Israelense Golda Meir tenha recebido diversos avisos de que a guerra estaria batendo a porta, não se considerou que havia um ataque iminente, dado que estavam em período do Ramadã, data comemorativa para os árabes.

Durante os primeiros dias de guerra, as tropas atacantes conseguiram se aproveitar da guarda baixa do inimigo para avançar. Com grande facilidade, os egípcios conseguiram penetrar a costa do Canal de Suez, adentrando o território israelense. No entanto, não muito tempo após a primeira agressão, Israel conseguiu repelir a investida árabe, retomando sua posição, e começou a revidar, ameaçando territórios na fronteira com o Egito e efetuando bombardeios contra a capital síria de Damasco. Isso foi possível por conta da ajuda externa que recebiam dos Estados Unidos que optaram por estabelecer uma linha de reabastecimento às tropas israelenses, ainda que houvesse a possibilidade de retaliação do mundo árabe, uma vez que a União Soviética abertamente fornecia suprimentos ao Egito e à Síria. No dia 26 do mesmo mês, as partes optaram por assinar um cessar-fogo, dando fim ao conflito.

No entanto, o legado que essa guerra regional deixou para o mundo foi uma grave crise econômica, proveniente dos preços do petróleo. Apesar de não ter afetado diretamente os preços do barril, o conflito gerou a revolta dos árabes, principais produtores de petróleo mundial, que em retaliação ao apoio do Ocidente à Israel, elevaram drasticamente os preços da *commodity*.

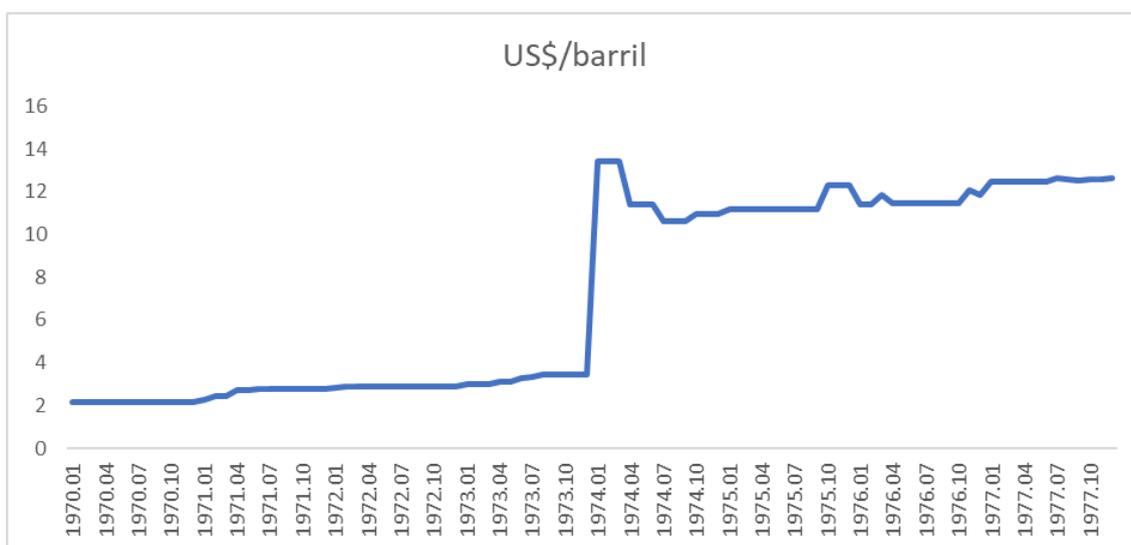
3.2 - O Choque de 1973

Menos de um mês após seu começo, a Guerra do Yom Kippur encontrou seu fim. No entanto, seus desdobramentos estavam apenas começando a aparecer. Como resposta ao apoio norte-americano à Israel, a Organizações dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), composta majoritariamente por países árabes, decidiu agir em prol de seus aliados. O grupo optou por suprimir a oferta de petróleo no mercado internacional em 25%, com redução extra de 5% a cada mês, elevando assim seu nível de preços a um

patamar que ainda não havia sido alcançado antes na história. Paralelamente, cortaram totalmente as exportações aos EUA e outros países apoiadores de Israel, como a Holanda. Apesar da curta duração do embate bélico, o embargo árabe perdurou durante 5 meses.

O patamar de preços praticado nos últimos 20 anos tinha o preço médio de US\$1,99 o barril, variando entre US\$1,79/barril e US\$2,89/barril, segundo dados da Estatística de Finanças Internacionais do FMI (FMI/IFS). No fim do ano de 1973, o preço do barril havia atingido US\$3,42, uma alta de 18,34% em relação ao mesmo período no ano anterior. No entanto, após o embargo começar a surtir efeito, logo no começo de 1974, o preço médio do barril de petróleo cru em dólares americanos sofreu uma abrupta alavancada. Em janeiro de 1974, o preço passou a ser negociado internacionalmente a US\$13,43, valor que se manteve até março desse mesmo ano, quando a OPEP decidiu finalizar a restrição. O movimento representava uma alta de aproximadamente 292% em relação ao fechamento de dezembro de 1973.

Gráfico 1: Variação do Barril de Petróleo em Dólares Americanos 1970-1977



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do FMI³

A má notícia não acabaria por aí. Pelos próximos anos, o valor da *commodity* ainda se manteria nesse patamar acima do que o mundo fora uma vez acostumado. A noção de que o petróleo era um bem finito e a vontade dos países membros da OPEP de

³ Disponível em:

<https://data.imf.org/?sk=4c514d48-b6ba-49ed-8ab9-52b0c1a0179b&sid=1409151240976>

exercer seu poder como cartel para arrecadar porções mais gordas de lucro fez com que o valor do barril pouco caísse. Os preços praticados nos quatro anos posteriores flutuaram entre US\$10,62 e US\$14,05, quando as tensões envolvendo dois grandes produtores de petróleo começaram a gerar comoção.

3.3 - Os Efeitos do Embargo Árabe sobre a Economia

As consequências da decisão da OPEP em elevar drasticamente os preços do petróleo começaram a se mostrar rapidamente pelo mundo. Como principal fonte de combustível, em 1974 o petróleo era responsável por 52,23% de toda energia gerada a partir de combustíveis fósseis no mundo todo⁴. Vale lembrar que nessa época pouco se falava em energias renováveis, sendo a energia mundial proveniente em quase sua totalidade de origens fósseis. Exemplo disso é que em 1973 84,8% de toda energia consumida no mundo foi de origem fóssil⁵. Portanto, uma mudança tão impactante na principal matéria-prima de combustível mundial obviamente provocaria uma reação globalizada.

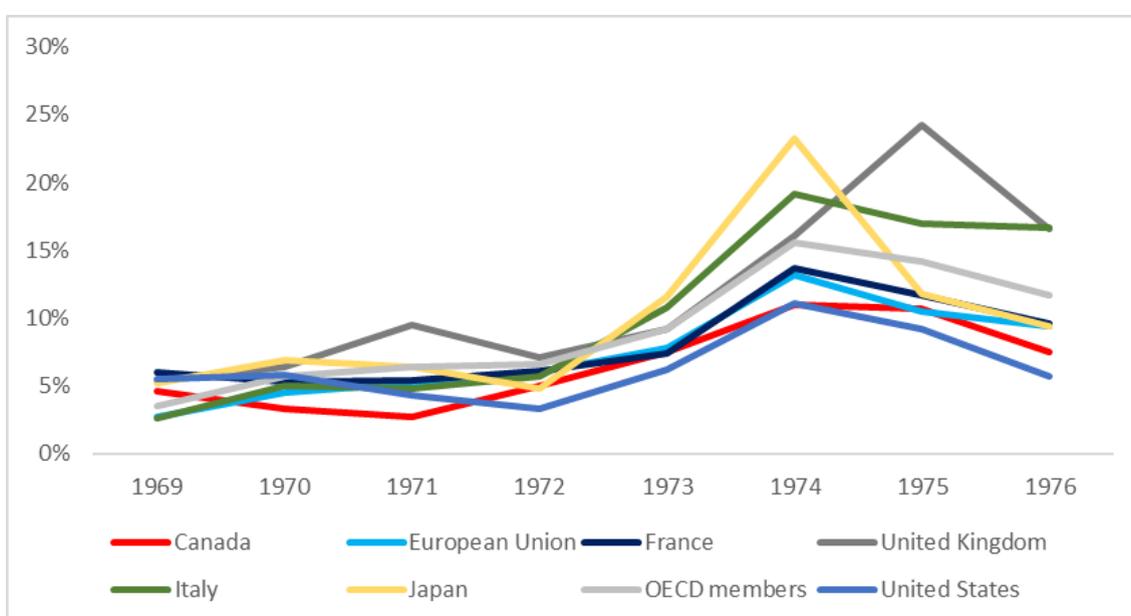
Logo, os países começaram a acusar o golpe. A inflação disparou ao redor do mundo, atingindo níveis altíssimos. Nos países membros da União Europeia, a inflação de 7,75% em 1973 pulou para 13,16% em 1974. Esse movimento foi pior no Reino Unido, que viu o índice atingir 16,04% em 1974, chegando a 24,20% no ano seguinte. No Japão, que era extremamente dependente do petróleo árabe, a inflação disparou de 4,84% em 1973 para 11,60% após o embargo.

Já nos Estados Unidos, a inflação de 6,17% em 1973 foi para 11,05% em 1974. A situação para os norte-americanos era mais complicada, pois no início de 1973 os americanos se tornaram os maiores importadores de petróleo do mundo, ultrapassando o Japão, importando cerca de 32% do petróleo consumido (Fuser,2008).

⁴ our world in data: acesso dia prod cap
<https://ourworldindata.org/grapher/fossil-fuel-consumption-by-fuel-type?stackMode=relative>

⁵ world bank <https://data.worldbank.org/indicator/EG.USE.COMM.FO.ZS>

Gráfico 2: Percentual de Inflação das Economias Após o Choque de 73



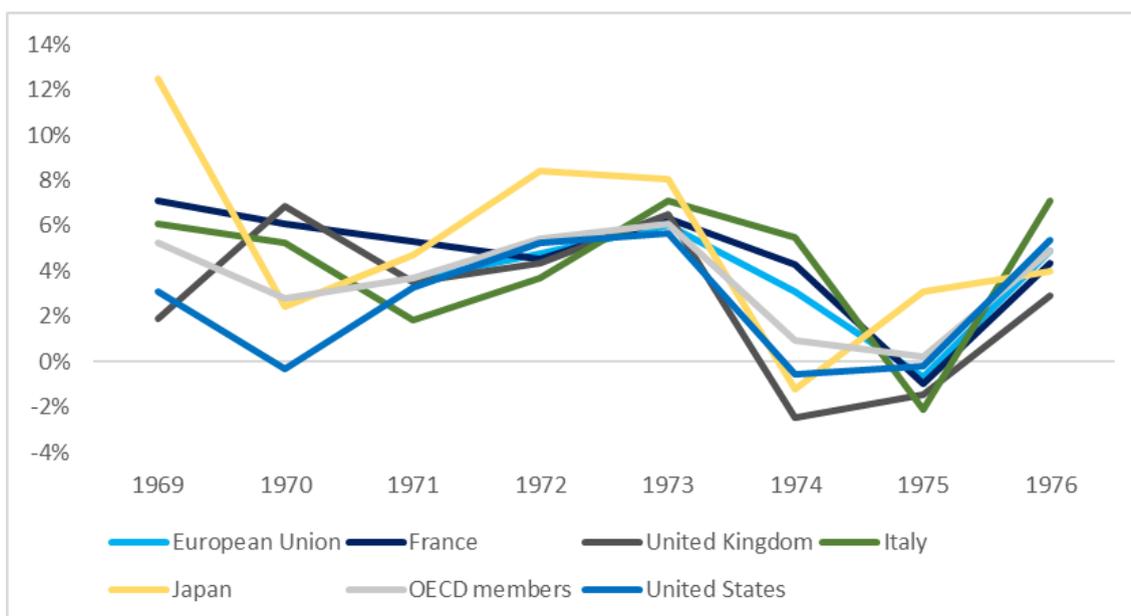
Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Banco Mundial⁶

Nesse período, a economia global que havia tido um crescimento de 4,35% na renda per capita no ano anterior decresceu em -0,12% no ano da crise, que diminuiria ainda -1,23% no ano seguinte. Em termos de crescimento do PIB mundial, o valor que era 6,40% de crescimento em 1973 despencou para 1,79% no pós choque. Nos Estados Unidos a situação era ainda pior. O país, que vinha vivenciando um grande e acelerado crescimento, viu seu crescimento de 5,64% virar uma recessão de -0,54% e -0,21%, respectivamente nos dois anos consecutivos. No mesmo período, o Reino Unido passou

⁶ Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicador/FP.CPI.TOTL.ZG?view=chart>

de um crescimento de 6,52% para uma recessão de -2,48% em 1974 e -1,47% em 1975. Situações parecidas ocorreram nos outros países do bloco europeu, dado que o PIB per capita caiu -1,25% no ano de 1974. O Japão, que cresceu 8% em 1973, teve um decréscimo no PIB na ordem de -1,22% em 1974.

Gráfico 3: Taxa de Crescimento das Economias 1969-1976



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Banco Mundial⁷

Apesar de não terem sido afetados diretamente pelo embargo, os países em desenvolvimento foram fortemente afetados pela crise. Sua alta dependência de capital estrangeiro ficou evidente quando a recessão que atingiu os países desenvolvidos diminuiu o volume de importações, fazendo com que a fonte de receita desses países ficasse muito limitada. Esses países buscaram financiamento com os grandes credores

⁷ Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicador/NY.GDP.MKTP.KD.ZG?view=chart>

internacionais. Grandes exportadores de petróleo árabes, cujos cofres estavam abarrotados com o excedente adquirido com o preço mais alto da *commodity*, realizavam investimentos nas principais economias capitalistas da época, que com o excesso de liquidez em seus balanços, concediam empréstimos àqueles países em desenvolvimento. A política monetária da época permitiu que esses países em desenvolvimento se financiassem em grande escala e a baixo custo. Essa foi a origem da crise da dívida vivida por esses países na década seguinte, quando a situação monetária internacional mudou tornando essas dívidas insustentáveis.

3.4 – A Revolução Iraniana e a Guerra Irã-Iraque

Em 1953, com a ajuda dos Estados Unidos, o Xá Mohammad Reza Pahlavi assumiu efetivamente o Governo Iraniano através da retirada do primeiro-ministro Mossadeq do poder. Esse golpe ocorreu no contexto da Guerra Fria, com os EUA agindo para garantir sua influência no Oriente Médio, propagando o capitalismo e assegurando o abastecimento de petróleo para si e seus aliados⁸.

O novo governo do Xá ficou marcado por uma série de mudanças que, posteriormente, viriam a causar sua derrocada. No âmbito de se modernizar e transformar o país numa potência local, Reza Pahlavi lançou um programa que ficou conhecido como a Revolução Branca. Entre outras coisas, o programa realizou a redistribuição de terras, campanhas de alfabetização e ampliação da participação das mulheres na vida pública e política. No entanto tais reformas acabaram por somente agravar a desigualdade social.

No início da década de 70, o descontentamento popular começou a aumentar. Ainda que o país tenha enriquecido muito com a exportação de petróleo no choque de 1973, se tornando o quarto maior produtor e segundo maior exportador de petróleo e gás natural, o dia a dia dos iranianos médios era marcado pelo flagelo da alta inflação. Os fartos petrodólares⁹ ficavam limitados a políticas públicas mal planejadas ou ao corrupto governo iraniano e àqueles que possuíam boas relações com o Xá¹⁰. Outro

⁸ texto do ira do aiatolá, verificar citação indireta

⁹ Termo usado para se referir ao capital obtido na venda de petróleo, geralmente pago em dólar.

¹⁰ Título que era dado ao monarca do Irã.

fator que contribuiu para minar a paciência do povo foi a exacerbada influência que o governo americano tinha sobre a política iraniana, tendo “extra-territorialidade jurídica”, como afirma Fuser (2005). Além disso, os americanos contavam com uma grande quantidade de pessoas com cargos de influência no governo local, gerando grande incômodo para os nacionalistas que consideravam Reza Pahlavi uma marionete dos norte-americanos, principalmente sobre o governo de Richard Nixon.

A esse ponto, o Xá já enfrentava a rejeição da maioria da população. Manifestações começaram a pipocar pelo território, porém sempre reprimidas pelo autoritarismo do regime, principalmente pela SAVAK, polícia secreta que ficou marcada pela brutalidade (FUSER,2005). Mas isso mudou quando o clero se uniu aos manifestantes. Como indivíduos extremamente fundamentalistas, os muçulmanos iranianos rejeitavam as mudanças advindas da Revolução Branca, principalmente em assuntos como o aumento da desigualdade e maior liberdade feminina no país. Profundamente perturbados pelos benefícios desiguais gerados pela reforma agrária e pela ocidentalização, o clero adentrou o movimento, assumindo sua liderança e intensificando-o. Nesse sentido, destaca-se a figura de Ruhollah Khomeini. A essa altura, Khomeini já era um personagem conhecido, já tendo enfrentado o Xá alguns anos antes, chegando inclusive a ser exilado por isso. Teceu fortes críticas à como Pahlavi governava o Irã, condenando sua íntima relação com os EUA e o abandono dos valores religiosos do Islã. Em sua posição de Aiatolá¹¹, assumiu a liderança da revolução, que ganhou a força e a coordenação necessárias para desafiar o regime vigente.

Em fevereiro de 1979, O Xá Reza Pahlavi é deposto pela Revolução Islâmica e forçado a fugir para seu exílio no Egito. O novo governo teve início quando o Aiatolá Khomeini retornou de seu exílio no Iraque, assumindo o posto de líder supremo do Irã e instituindo assim uma teocracia.

Nesse mesmo ano, surgia paralelamente no Iraque a figura do infame ditador Saddam Hussein. Através de um golpe militar, Saddam chegou ao poder da nação iraquiana, a qual governou com mão de ferro por mais 20 anos. Ainda em meio à confusão política vivida, o Irã se viu em um novo episódio que ficou marcado em sua

¹¹ Título que caracteriza aquele que é considerado detentor de muito conhecimento no universo muçulmano.

história. Em setembro do ano seguinte, o Iraque invade o território iraniano, marcando o começo de uma guerra longa e sangrenta.

A Guerra Irã-Iraque, como o próprio nome sugere, foi o conflito entre Irã e Iraque que perdurou entre 1980 e 1988 numa batalha pelo controle do Shatt al-Arab, deixando mais de 1 milhão de mortos e nenhum vencedor.

Apesar de só ter começado de fato em 1980, a péssima relação entre as duas nações já era um assunto antigo. Desde o início da década de 70, a disputa pelo Shatt al-Arab, região de fronteira entre os países onde ocorre o encontro do rio Tigres e Eufrates e desaguam no Golfo Pérsico, já era travada. Além disso, questões religiosas também eram motivo de muita agitação. O Irã, de governo xiita, utilizava de sua influência religiosa para gerar instabilidade no governo Iraquiano, sunita secular, através da população de maioria xiita e dos curdos, minoria iraquiana que também era contra o governo. Porém, em 1975 foi assinado o acordo de Argel, cessando as disputas pela região e com o Irã se comprometendo a interromper seu apoio aos xiitas e curdos iraquianos.

Nesse cenário, Saddam já se via em risco pouco tempo após tomar o poder, principalmente por conta do que acontecia do outro lado da fronteira. Foi quando Aiatolá Khomeini começou a tentar estreitar seus laços com os xiitas iraquianos, que Saddam Hussein decidiu que era hora de romper o acordo de paz. O ditador sentia que a população xiita, mais uma vez sobre um governo sunita secular, poderia ser influenciado pela revolução ocorrendo no país vizinho e derrubá-lo do poder. Além disso, via a retomada de uma antiga rixa regional como uma forma de reunir a população atrás de sua liderança. Assim, as partes retomaram as hostilidades dando início ao conflito armado.

Por oito anos, as nações trocavam ofensivas e bombardeios, sem grandes avanços. Mesmo com o apoio indireto dos Estados Unidos e de outros aliados ao Iraque, nenhuma das duas partes foi capaz de submeter o inimigo à sua soberania.

Com o passar do tempo, o conflito que se arrastava com idas e vindas começou a perder força. Em 1988, devastado pelos horrores da guerra, o Irã opta por acatar o cessar-fogo proposto pelo Iraque. Marcando assim um dos conflitos mais violentos do século desde a segunda grande guerra e que deixou como legado para o mundo a segunda grande crise do petróleo.

3.5 - O Choque de 1979/1980

Em meio às turbulências geradas pela revolução iraniana, o mercado internacional de petróleo estava imerso em caos. No final de 1978, as manifestações contra o governo do Xá estavam cada vez mais intensas. É nessa época que trabalhadores dos poços de petróleo decidem iniciar greves contra o regime, paralisando quase totalmente a produção do setor. Segundo Daniel Yergin, em sua obra “*The Prize*” (1991)*, o Irã, como segundo maior exportador de petróleo do mundo, atrás apenas de Arábia Saudita, até então exportava cerca de 4,5 milhões de barris diariamente. Após as paralisações, esse número caiu para menos de um milhão de barris por dia, causando um aumento do preço da *commodity* no mercado internacional de aproximadamente 150%. Posteriormente, de dezembro de 78 até março de 79, as exportações iranianas do óleo zeraram. O movimento ocorria num momento delicado, pois a demanda por energia sofrera uma grande alta pela chegada do inverno no hemisfério norte.

Em resposta à queda de produção iraniana, a Arábia Saudita anunciou aumento na sua produção diária de barris, passando de 8,5 milhões para 10,5 milhões, que caiu para 10,1 milhões no primeiro trimestre do ano seguinte. Outros países membros da OPEP também anunciaram aumento na produção, num esforço para que a oferta no mercado internacional não fosse muito afetada. Yergin (1991) expõe uma comparação entre o último trimestre de 1978 e o primeiro trimestre de 1979, mostrando uma queda na produção de cerca de 2 milhões de barris diários. Ainda segundo o autor, chegou a ocorrer a escassez da *commodity*, mas que correspondia a não mais do que 5% da demanda global, o que não justificaria a alta de 150% nos preços. A resposta reside no sentimento de pânico generalizado no mercado, que teria surgido de cinco fatores. O primeiro, o crescimento do consumo do óleo desde 1976 de forma contínua indicava que a demanda continuaria crescente. Outro fator foi o não cumprimento de acordos e contratos na indústria petrolífera gerados pela revolução iraniana, o que atingiu os indivíduos do mercado de maneiras diferentes, fazendo com que corresse de volta para recuperar os estoques perdidos.

O terceiro fator listado foram as contraditórias e conflitantes políticas de consumo definidas pelos governos. Políticas internas, tomadas no âmbito nacional,

estavam influenciando o cenário internacional, esquentando os ânimos do mercado. Ao mesmo tempo, empresas do setor aumentavam os preços enquanto os governos discutiam maneiras de reduzi-los.

O quarto fator, foi a oportunidade vista pelos produtores de, em meio ao caos, obter grandes quantidades de renda adicionais. Oportunidade essa que foi certamente aproveitada pela maioria deles toda vez que possível. Era também uma forma dos produtores mostrarem seu poder no cenário internacional.

O último fator é que Yergin (1991) define como “puro poder da emoção”. O medo, o pessimismo e a percepção de que o sistema petrolífero havia colapsado fizeram com que o mercado não soubesse medir o alcance da Revolução Islâmica sobre outros países produtores de petróleo e seus efeitos sobre a produção global, levando a expectativas superestimadas. Esse sentimento fez com que o medo de uma grande escassez de petróleo se tornasse uma profecia auto-realizável. Com o objetivo de garantir seus estoques, e também na esperança de aproveitar o preço mais baixo do que seria praticado no futuro, empresas correram ao mercado internacional, provocando a indesejada alta nos preços. Estima-se que o movimento tenha ocorrido de maneira tão exacerbada, que a demanda foi superior ao consumo em cerca de três milhões de barris por dia, que se somadas aos dois milhões de barris por dia a menos na produção mundial, indicam um “déficit” de cinco milhões de barris diários na economia (equivalente a aproximadamente 10% do consumo). Por fim, o autor afirma que a compra desesperada provocou uma escassez duas vezes maior, assim como a escalada de preços do barril de US \$13 para US \$34.

Com a volta do petróleo iraniano para o mercado, ainda que em volume muito reduzido, alguma ordem foi restabelecida. Preços à vista da commodity começavam a cair, e a Agência Internacional de Energia (IEA) fazia um apelo para que a demanda mundial fosse reduzida em 5% a fim de estabilizar o mercado. Entretanto, sem garantias de que a oferta de petróleo estava livre do risco de escassez, e com alguns países anunciando reduções na produção, os preços voltaram a aumentar. No fim de março de 1979 a OPEP se reuniu para, mais uma vez, negociar os preços no mercado internacional, que a esse ponto haviam subido 30%, com alta de 60% nos preços dos produtos derivados. Para desespero do mercado, ficou decidido que os produtores poderiam adicionar prêmios conforme julgassem necessário sob as circunstâncias. Yergin (1991, p. 689, tradução nossa) fala que “Os exportadores estavam abandonando

qualquer noção de uma estrutura de preços oficial. Eles cobriam o que o mercado suportasse.”

Uma corrida começou entre os produtores, que disputavam para ver quem conseguia cobrar o maior preço, e entre os compradores, que brigavam para comprar o que estivesse disponível. Mesmo com a ausência do petróleo iraniano no mercado, ao menos em escalas normais, a produção de petróleo em 1979 atingiu 31 milhões de barris por dia, superando a de 1978 em torno de três milhões de barris diários. Isso foi devido ao constante esforço saudita, que aumentou drasticamente sua produção. Como a demanda era muito maior do que o consumo, todo esse montante que vinha sendo adquirido pelas empresas acabava sendo usado para aumentar os estoques. Nesse sentido, se esperava que em algum momento esse estoque começasse a ser usado, reduzindo a demanda e deflacionando os preços do óleo.

A essa altura, a demanda mundial já começava a dar sinais de queda e os governos, através da IEA, mais uma vez vieram a público pedir que compradores agissem com cautela e optassem pelo uso dos seus estoques. Por certo tempo, o mundo começou a se desfazer de seus caros estoques da matéria-prima aos poucos. Mas, com o estopim da Guerra Irã-Iraque, o cenário mais uma vez era de pânico generalizado. Com o embate envolvendo duas grandes potências produtoras de petróleo, mais de quatro milhões de barris diariamente deferiram a oferta da *commodity* nas primeiras fases do conflito. Essa quantidade era equivalente a 15% da produção diária da OPEP, e 8% da demanda do “mundo livre”. Mais uma vez os preços dispararam, com o petróleo saudita atingindo seu maior nível em US\$42 o barril. (Yergin, 1991)

Depois de algum tempo, e muito esforço dedicado na comunicação com as empresas, parecia que finalmente o recado havia sido acatado. Com estoques continuamente altos e a demanda seguindo sua tendência de queda, empresas lentamente começaram a se desfazer de seus estoques. Em convergência ao movimento de queda da demanda, a oferta não estava sendo mais muito afetada pela guerra, mais uma vez por conta do esforço saudita e de outros membros da OPEP ao mesmo tempo em que o produto iraniano e iraquiano voltava aos poucos a circular. Fato que acentuou ainda mais a pressão para queda dos preços foi o aumento na produção de petróleo ocidental, como no México e na Noruega. Ansiosos por uma fatia maior do mercado,

produtores ocidentais praticavam preços expressivamente mais baixos. Assim, as empresas iniciam o processo de venda dos estoques. Como podemos ver na Tabela 1 abaixo, o resultado que a OPEP teve foi uma redução forte na produção de petróleo, saindo dos 31 milhões de barris por dia em 1979 para 23 milhões em 1981.

Tabela 1: Produção de Petróleo

	1973	% of total	1979	1981	1983	% of total
OECD	13.9	23.8	14.7	14.8	15.6	27.7
Non-OPEC developing CPE net exports	3.1	5.3	5.2	6.3	7.4	13.1
	0.7	1.2	1.1	1.1	1.6	2.8
Total non-OPEC	17.7	30.3	21.0	22.2	24.6	43.6
OPEC	31.3	53.5	31.5	23.3	18.3	32.5
World (excl. CPE require- ments)	49.0	83.8	52.5	45.5	42.9	76.1
CPE (less net exports shown above)	9.5	16.2	13.3	13.7	13.5	23.9
World total	58.5	100.0	65.8	59.2	56.4	100.0

*Includes Natural Gas Liquids

Fonte: Lomax, 1986.¹²

Apesar da relutância dos exportadores para aceitar uma redução nos preços, no final de 1981 foi decidido que o preço praticado por barril seria de US\$34, enquanto a Arábia Saudita voltaria seu nível de produção aos 8,5 milhões diários.

Ainda que a guerra tenha se arrastado por anos a fio, outubro de 1981 ficou marcado como o “fim” do choque, sendo a última vez no período em que os preços subiram

A partir de 1986, os preços passaram a ser praticados no patamar normal, após uma injeção de oferta na economia.

3.6 -Impactos do Segundo Choque na Economia Global

¹² LOMAX, D. F. The Second Oil Shock: 1979–80. London: Palgrave Macmillan UK, 1986.

Disponível em:

<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edssjb&AN=edssjb.978.1.349.07765.6.3&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>

Em 1980 o petróleo ainda era responsável por 50,30% de toda energia gerada através de combustíveis fósseis¹³. Sendo um componente vital tanto na produção, transporte e geração de energia, impactos relacionados ao petróleo vão gerar um movimento semelhante nos preços de bens e serviços, que são quase sempre repassados ao consumidor final, quando não há intervenção governamental, gerando pressão inflacionária. Somado ao efeito direto nos preços, existe também o efeito psicológico proporcionado pela insegurança frente ao principal insumo das economias. Esse efeito, como foi o caso no fim da década de 70, pode fazer com que a racionalidade frente a demanda seja deixada de lado, e o consumo assuma níveis completamente diferentes do equilíbrio do mercado.

Como resultado da corrida dos preços, a inflação ao redor do mundo disparou. Nos Estados Unidos, a inflação em 1980 chegou a 13,5%, representando uma alta de 77% frente ao nível do PCI¹⁴ de 7,63% em 1978. Os norte-americanos sofreram com a inflação no ano de 1979, principalmente por conta de sua crise diplomática com o Irã, em episódios como os atritos entre Jimmy Carter e o governo revolucionário iraniano, acentuado pela crise de reféns na embaixada nesse mesmo ano. Em dado momento, o Irã cortou o fornecimento de petróleo nacional para os americanos, agravando o cenário de escassez e provocando maior pressão inflacionária sobre os preços.

Na Europa não foi diferente. O Reino Unido, que estava lidando com uma inflação de 8,26%, viu o índice chegando a 18% na virada da década. A inflação entre os países membros da OCDE em 1980 foi de 13,63%, segundo dados do Banco Mundial. Uma das grandes economias europeias que sofreu mais impacto foi a Itália, cuja inflação foi de 14,72% para 21,02% em 1980. O Japão convivia com a inflação em torno de 3% em 1979. No entanto, sua economia era extremamente dependente do petróleo externo, chegando a ter 20% do petróleo importado vindo de poços árabes e persas. Por esse motivo, o povo japonês viu seu índice de preços disparar 307,67% entre 1979 e 1980, atingindo o valor de 7,77%.

Até a crise em 1979, a maioria dos países da OCDE estavam mais alinhados com o pensamento econômico ortodoxo em detrimento da teoria keynesianista. Governos como o de Ronald Reagan e Margaret Thatcher, a famosa dama de ferro, ficaram marcados por essa característica. Segundo Lomax (1986, tradução nossa), na

¹³ Banco Mundial

¹⁴ Índice de preços da economia norte-americana

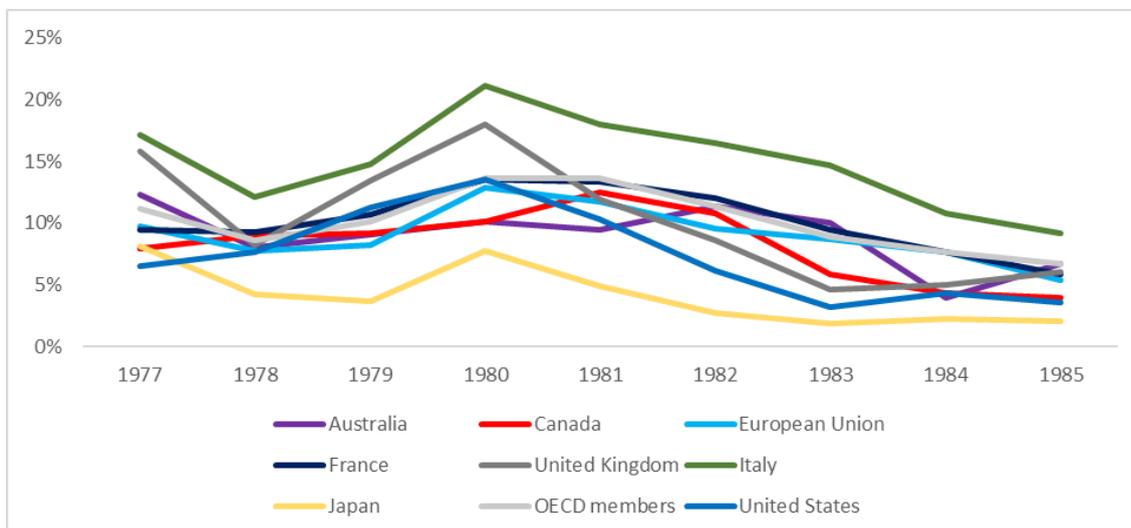
virada para a década de 80, a economia internacional parecia concordar que o movimento que deveria ser feito seria o de combate à inflação, com os governos passando a adotar políticas fiscais e monetárias de acordo.

No fim de 79, os países começam o ciclo de alta nas taxas básicas de juros. O uso da taxa de juros como instrumento de política monetária sempre traz consigo o ônus da deflação: a queda na produção interna e o desemprego. Nesse caso, os efeitos colaterais da alta de juros foram mais severos. Até a crise, muitos países haviam se acostumado com índices de inflação mais altos. Lomax (1986) fala sobre isso em sua obra.

Um dos problemas enfrentados pela política monetária foi que a inflação havia sido tão alta e duradoura na maioria dos países da OCDE que as expectativas inflacionárias haviam se consolidado em um nível relativamente elevado. Nos Estados Unidos, a inflação dos preços ao consumidor havia alcançado em média 8,6% entre 1974 e 1980, e na OCDE como um todo, a média era de 10% no mesmo período. (Lomax, 1986, p. 42, tradução nossa)

O gráfico abaixo mostra um pouco da trajetória da taxa de inflação de alguns países no horizonte de tempo descrito pelo autor. Como podemos observar, países como o Canadá, a França e a Austrália conviviam com índices anuais altos, com a menor média entre eles sendo a do Canadá com 9,34% no período citado. Isso fazia com que as autoridades monetárias acreditassem que era necessário uma alta mais forte e mais duradoura dos juros.

Gráfico 4: Inflação das Economias Durante ao Longo do Choque de 79



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Banco Mundial¹⁵

Depois de longos períodos com taxas reais negativas, elas assumiram valores preocupantes para os endividados. Na Tabela 2, Lomax (1986) calcula a taxa real de juros a partir das taxas de juros de mercado de 3 meses menos a inflação do ano anterior.

Tabela 2: Reação da Taxa de Juros Real ao Choque de 79

	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984
United States	-0.38	-1.27	-1.85	+3.73	+4.56	+5.40	+6.49
West Germany	+1.00	+2.56	+4.04	+6.19	+3.61	+2.80	+3.40
United Kingdom	+0.44	+2.20	-1.89	+1.42	+2.97	+4.96	+4.95

*Fonte: Lomax, 1986.¹⁶

¹⁵ Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/FP.CPI.TOTL.ZG?view=chart>

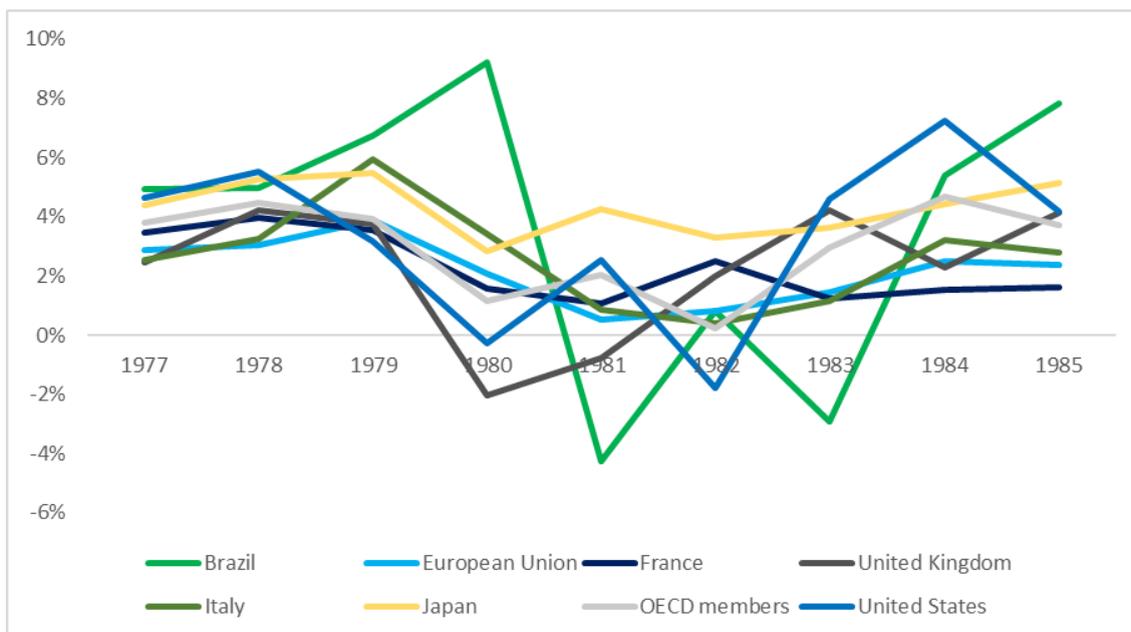
¹⁶ Disponível em:

<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edssjb&AN=edssjb.978.1.349.07765.6.3&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>

Como vemos na tabela, a reversão do nível das taxas de juros em 1981 dos Estados Unidos e do Reino Unido representou um movimento drástico. Os americanos sofreram mais nesse quesito, com a taxa batendo 6,49% em 1984. Por outro lado, o Reino Unido conseguiu implementar uma política anti-inflacionária mais sólida, reduzindo as expectativas de inflação, já permitindo uma redução dos juros reais em 1983. No entanto, o autor lembra que em 1985 os britânicos tiveram que elevar novamente o juros básico, atingindo um valor próximo a 9% em juros reais em fevereiro deste mesmo ano.

A alta de juros levou os Estados Unidos à maior recessão desde 1930, quando o país vivenciou a Grande Depressão, acompanhada de uma desaceleração na economia global como um todo. Segundo dados do Banco Mundial, a economia americana teve queda de -0,26% em 1980, seguida por uma breve alta de 2,53% em 1981 e outra queda de -1,80% em 1982. No Reino Unido, a recessão foi de -2% em 1980, com uma nova queda de -0,79% em 81, recuperando seu crescimento somente em 1982, ainda que inferior a 2%. Juntos, os países da OCDE tiveram crescimento de 1,2% em 1980, que apesar da alta para 2% no ano seguinte, vivenciaram crescimento negativo em -0,5% em 1982. Lomax(1986) explica que o crescimento do volume do comércio global foi de 1,5% em 1980 para -2,5% em 1982. Outras economias, ainda que não tenham passado por recessão, passaram por períodos de baixo crescimento. Foi o caso do Japão, que havia recuperado seu acelerado crescimento, tendo crescido 5,48% em 1979, mas que viu essa taxa cair para 2,81% em 1980. Além dele, os países da União Européia viram suas economias praticamente estagnadas entre 1981 e 1982, quando cresceram, em média, não mais do que 0,82%. Em países em desenvolvimento, o “*spillover*” das economias centrais agravou os danos. O Brasil, por exemplo, que havia crescido 9,2% em 1980, teve um desempenho econômico entre os anos de 1981 e 1983 de -4,25%, 0,83% e -2,93%, respectivamente. O Gráfico 5 nos mostra esse movimento.

Gráfico 5: Taxa de Crescimento das Economias Frente ao Choque de 79



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Banco Mundial¹⁷

A recessão nas principais economias levou ao vasto desemprego. Segundo Lomax(1986), o número de desempregados entre países da OCDE chegou a 28 milhões em 1983. O autor também afirma que durante esse período o protecionismo por parte dos países desenvolvidos cresceu significativamente, o que era mais um empecilho para os países em desenvolvimento, como o Brasil, que exportavam *commodities* mas não eram produtores de petróleo,

Com o movimento das taxas de juros para cima, as taxas de juros reais atingiram níveis elevados, principalmente a do dólar, moeda cuja maioria das dívidas internacionais são negociadas. As taxas de juros de curto prazo elevaram os custos de empréstimo para os países endividados, cuja maior parte das dívidas eram lastreadas

¹⁷ Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicador/NY.GDP.MKTP.KD.ZG?view=chart>

sobre taxas de juros flutuantes. Além disso, taxas mais altas significam uma moeda mais forte, o que gerou mais um peso para os países cujas dívidas já começavam a sair do controle. Relativamente, importações estavam também mais caras, agora que seu câmbio perante o dólar estava mais enfraquecido. Outro agravante é em relação ao momento da economia. A queda na demanda dos países desenvolvidos fez com que as commodities perdessem muito de seu valor. Com sua principal fonte de renda no mercado internacional desvalorizada e sem muita demanda, a balança comercial dos países em desenvolvimento deteriorou-se.

Tabela 3: Empréstimos Bancários em Euro de 1979 a 1983

<i>Gross amounts outstanding – end year</i>	<i>(\$ billion)</i>					<i>Average annual % change in</i>	
	<i>1979</i>	<i>1980</i>	<i>1981</i>	<i>1982</i>	<i>1983</i>	<i>1980/1</i>	<i>1982/3</i>
Total international bank lending	1111	1322	1550	1689	1754	18.1	6.4
Developed countries	660	790	920	1007	1040	18.1	6.3
Offshore banking centres, international institutions and unallocated items	175	209	267	303	322	23.5	9.8
Eastern Europe	56	60	61	53	49	4.4	-10.4
Developing countries of which Asia/Pacific	220	263	302	326	343	17.2	6.6
Latin America	36	43	47	53	58	14.3	11.1
Africa and Middle East	126	156	188	199	205	22.2	4.4
Net international bank lending*	58	64	67	74	80	7.5	9.3
	665	810	945	1020	1085	19.2	7.2

*Net of double counting due to inter-bank positions (i.e. re-depositing among reporting banks).

Fonte: Lomax, 1986.¹⁸

A solução encontrada por esses países foi endividar-se ainda mais. O aumento massivo da dívida tornou completamente insustentável o equilíbrio financeiro, fazendo com que muitos não conseguissem cumprir com suas obrigações, tornando o calote apenas uma questão de tempo. E assim foi, quando em 1982 o México decretou moratória, marcando o começo da crise da dívida externa latino-americana.

¹⁸ LOMAX, D. F. The Second Oil Shock: 1979–80. London: Palgrave Macmillan UK, 1986.

Disponível em:

<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edssjb&AN=edssjb.978.1.349.07765.6.3&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>

3.7 - Uma Análise dos Períodos Pós Primeiro e Segundo Choques

Ao longo da década de 1970, o mundo viveu dois grandes eventos econômicos que alteraram o curso da história. Os dois choques do petróleo provocaram casos de recessão aguda e baixo crescimento em diferentes países, com os índices de inflação atingindo picos históricos, e o medo de ter que se imaginar em um cenário onde sua principal *commodity* de repente não estaria mais disponível. No entanto, os períodos que sucederam esses eventos tiveram também grandes diferenças. Nesta seção, vamos analisar como os dois períodos pós choque diferiram entre si.

Como pudemos observar, os anos de 1974 e 1975 ficaram marcados pela inflação alta e baixo crescimento econômico. Entretanto, esses efeitos quando comparados com os anos que sucederam o segundo choque foram muito menos prolongados. Ainda que muito abalada, a economia mundial em 1974 respondeu com uma série de medidas que representaram uma importante reação para se recuperar do choque. Em primeiro lugar, a criação Agência Internacional de Energia (IEA), significou uma resposta em prol dos países industrializados. Através da IEA, diversas medidas foram tomadas para ajudar a conter futuras crises da *commodity*. Uma dessas medidas foi a criação dos “estoques estratégicos”. Outro aspecto do choque de 73 que colaborou para a recuperação da economia foi a “reinjeção” de dinheiro no mercado por parte dos produtores de petróleo. Segundo Fuser (2005), os países membros da Opep aumentaram seus rendimentos exponencialmente durante esse período, saindo de US\$23 bilhões em 1972 para US\$140 bilhões em 1977. Esse superávit de petrodólares significou um expressivo aumento das importações por parte desses países. O autor explica no trecho de sua dissertação:

Embriagados pela súbita opulência, o Estado e as elites dos países da Opep mergulharam numa febre de gastos praticamente ilimitada, que abarcava tanto produtos necessários quanto supérfluos, armamentos, programas de industrialização (quase todos fadados ao fracasso), subsídios, programas sociais e, é claro, muito desperdício e corrupção. (Fuser, 2005, p. 157)

Outro destino para o excedente dos produtores de petróleo foram os bancos dos países capitalistas centrais. Esse reinvestimento colaborou para fornecer liquidez para o sistema internacional, que se utilizou desse mecanismo para se reerguer. A política monetária expansionista da época permitia que países necessitados, como os em desenvolvimento, pudessem ter acesso a empréstimos com taxas de juros acessíveis. Além disso, as políticas fiscal e monetária expansionistas adotadas colaboraram para que a demanda não fosse tão suprimida, fazendo com que o crescimento econômico voltasse próximo ao padrão normal em pouco tempo.

Em divergência ao período pós primeiro choque, o período de 1980 a 1985 foi marcado pela adoção de políticas monetárias contracionistas com enfoque no combate global à inflação e no crescimento sustentável de longo prazo com baixo índice de preços. Importante notar, que esse índice de inflação mais elevado antes do choque de 1979 foi uma herança das decisões tomadas durante o período de 1974 até então, quando optaram por regularizar o crescimento econômico em detrimento da inflação mais alta. Assim, as consequências do segundo choque foram muito mais acentuadas. O mundo todo foi penalizado pelo segundo choque. As grandes potências como os Estados Unidos e a Europa se viram em períodos de recessão e taxas de juros altas. Além disso, a política fiscal americana mais permissiva em conjunto com a política monetária restrita em 1984 fez com que a instabilidade do crescimento voltasse a assombrar as economias. Segundo dados do Lomax (1986), a dívida externa norte-americana saltou de US\$40 bilhões de dólares para US\$100 bilhões em 1984. Países em desenvolvimento, mesmo que seguindo políticas consideradas responsáveis, foram afetados severamente pela subida dos juros, a disparada do petróleo e diminuição das exportações. Até os países exportadores que haviam enriquecido acabaram passando por problemas. O investimento irresponsável em políticas públicas ineficazes, excesso de importações e corrupção, como descreve Lomax(1986), resultaram em gargalos econômicos e instabilidade no momento em que a demanda por petróleo recuou e o dólar se valorizou. Houve ainda a entrada de novos competidores no mercado internacional. A teimosia árabe em manter os preços elevados abriu espaço para que novos importadores como o México e o Mar do Norte pudessem tomar um pedaço do *market share*, reduzindo suas potenciais receitas futuras.

Podemos concluir, portanto, que ainda que os dois choques tenham tido reações aparentemente semelhantes, as consequências a médio e longo prazo foram muito

diferentes. Ainda vale lembrar, que parte das dificuldades enfrentadas no combate à segunda crise foram herdadas das políticas tomadas contra a primeira crise.

4 - Conflitos no Golfo e o Terceiro Choque de Petróleo

4.1 - A Invasão do Kuwait e a Guerra do Golfo

A Primeira Guerra do Golfo começa como uma resposta do mundo à invasão iraquiana ao Kuwait. Por conta de sua rivalidade religiosa e regional com o Irã, o Iraque foi utilizado como uma ferramenta para conter o avanço da Revolução Islâmica no Oriente Médio. Tanto a Arábia Saudita quanto o Kuwait tinham interesses nessa guerra, portanto, utilizaram a grande quantidade de petrodólares obtida dos preços elevados do petróleo para conceder empréstimos ao governo iraquiano, financiando seus custos na batalha. Após longos anos de conflito, o Iraque estava arrasado econômica e moralmente. Era inevitável que o país fosse atingido por uma crise econômica depois de 8 anos numa luta intensa, cujo resultado foi a perda de vidas e bilhões de dólares. Restando apenas as dívidas oriundas dos empréstimos tomados e a indústria bélica desenvolvida no período, Saddam Hussein esperava que a venda do óleo persa colaborasse para uma recuperação econômica mais suave. No entanto, o nível de produção acima da meta estabelecida pela OPEP dificultou o lucro com a única mercadoria de exportação iraquiana. Em especial, Kuwait era um dos países cuja produção excedia os níveis estipulados, colaborando para a redução do preço internacional da *commodity*. Além disso, aproveitando-se da fragilidade do Iraque, o Kuwait extraiu uma quantidade superior à quota estipulada dos poços compartilhados, provocando ainda mais o governo vizinho e atrapalhando sua remontada econômica.

Outro fator que contribuiu para a invasão iraquiana foi que Saddam se sentiu traído de certa forma pelas demais nações árabes. Ao fim da guerra, o Iraque solicitou aos demais membros da OPEP e do Oriente Médio uma ajuda financeira para se reerguer dos danos econômicos do embate. No entanto, com o fim do evento e a morte do Aiatolá Khomeini em 1989, não fazia mais parte dos interesses externos continuar financiando a economia iraquiana. Mais tarde, na reunião da Liga Árabe, Saddam listou mais uma série de reivindicações das quais ele achava justas, baseado na crença de que, ao conter o avanço da Revolução Islâmica, um serviço havia sido prestado à toda a região. Dentre essas reivindicações, foi solicitado: o perdão das dívidas com seus dois maiores credores (Arábia Saudita e Kuwait), ajuda adicional do Kuwait de US\$ 10 bilhões, elevação do preço internacional do barril do óleo para US\$ 25 dólares, a anexação de duas ilhas com influência sobre o território iraquiano e o pagamento de US\$ 2,4 bilhões do Kuwait como retratação pelo petróleo retirado a mais dos poços compartilhados. Com um aceno negativo de seus aliados, Saddam decide investir contra o território kuwaitiano.

No começo de agosto de 1990, o Iraque invadiu o Kuwait e anunciou a anexação de seu território. Imediatamente o Conselho de Segurança da ONU atendeu a pedidos do Kuwait e determinou a retirada das tropas iraquianas. Sem que a primeira determinação tivesse surtido efeitos, outra resolução foi passada no dia 6 de agosto, impondo sanções econômicas contra o agressor e o embargo sobre a *commodity* proveniente dos dois países. Paralelamente, as tropas iraquianas começaram a se posicionar próximo à fronteira saudita. Por conta de sua aliança com os Estados Unidos, foi autorizado o posicionamento de tropas americanas para responder a uma possível ofensiva. A participação americana era também para garantir seus próprios interesses, já que a essa altura, Saddam controlava os poços responsáveis por cerca de 20% da produção de petróleo mundial. Caso conquistasse os poços sauditas, o que não seria impossível para as forças iraquianas, esse percentual subiria para mais de 40%¹⁹. Portanto, para os Estados Unidos, tratava-se de garantir seu interesse vital no óleo árabe e persa, e impedir que outra crise com a magnitude das duas anteriores se repetisse. Apesar de já ter dado início ao envio e posicionamento de tropas, sobre a operação que ficou conhecida como “*Desert Storm*”, George Bush ainda não tinha a autorização para invadir o Iraque. Assim, no final de novembro daquele mesmo ano foi dado um prazo

¹⁹ Fraquelli (1990)

para que as tropas iraquianas se retirassem do Kuwait, restabelecendo sua soberania, sob ameaça do uso de toda força necessária para tal.

Com a decisão de Saddam de não acatar a resolução, uma coalizão internacional, sob o comando americano, foi formada para combater as forças iraquianas e restabelecer a soberania do Kuwait sobre seu território. Rapidamente, o poderio internacional, principalmente da força aérea americana, devastou as forças agressoras na primeira etapa da ofensiva. Após o sucesso nos céus, a coalizão deu início ao avanço terrestre, seguido da retirada às pressas das tropas iraquianas. No entanto, enquanto suas tropas batiam em retirada, Saddam ordenou que queimassem os poços de petróleo que encontrassem pelo caminho. Segundo estimativas, o Kuwait perdeu cerca de 1 bilhão de barris de petróleo, equivalente a 2% das reservas do país.

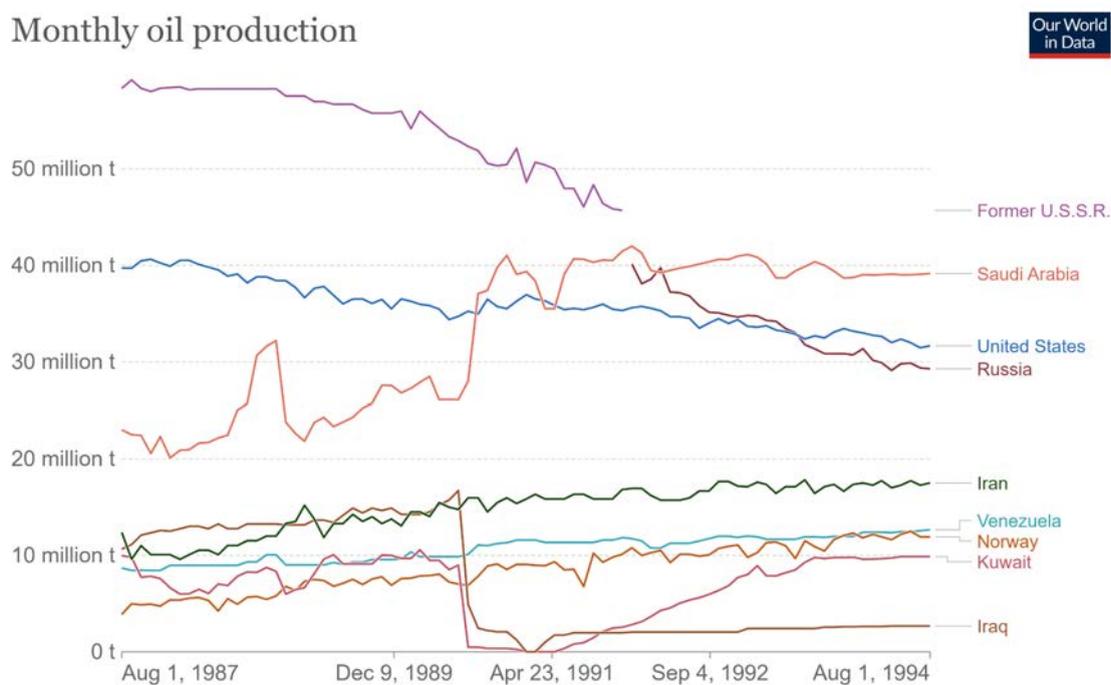
4.2 - O Choque de 1990

Antes mesmo da interrupção da oferta do petróleo iraquiano e kuwaitiano, o mundo previa uma futura alta nos preços da *commodity*, mas, obviamente, não de forma tão abrupta. Como conta Eliyahu Kanovsky no seu livro “*The economic consequences of the Persian Gulf War: accelerating OPEC'S demise*” (1992), ainda que nomes relevantes no cenário econômico, como a famosa revista *The Economist*, indicassem que a década de 90 seria de baixa nos preços reais do barril do óleo, a maioria do mercado esperava que o movimento fosse de alta. Segundo o autor, essa previsão era baseada na expectativa de que a demanda pelo óleo seria superior em 1 milhão de barris por dia por ano e que a produção dos países produtores não-membros da OPEP seria de no máximo manter os níveis correntes. Assim, assumia-se uma maior dependência da OPEP.

Com a invasão do Kuwait pelo Iraque, a previsão do mercado, por motivos que eles não contavam, acabou se tornando realidade. Nos gráficos a seguir, Gráfico 6 e 7, podemos ver como a produção e a exportação de petróleo dos dois países caiu imediatamente após a invasão. A investida iraquiana envolveu o ataque a pontos vitais na produção kuwaitiana, afetando severamente sua capacidade produtiva. O embargo ao petróleo iraquiano foi outro aspecto que influenciou no choque dos preços. O momento

coincidiu também com a queda na produção soviética, que colaborou para agravar a crise de oferta no mercado.

Gráfico 6: Produção Mensal de Petróleo no Contexto da Guerra do Golfo



Source: US Energy Information Analysis (EIA)

Note: Monthly production is allocated to the first day of each month: so, December 2019 production is allocated to 1st December 2019. This includes the production of crude oil, including lease condensate.

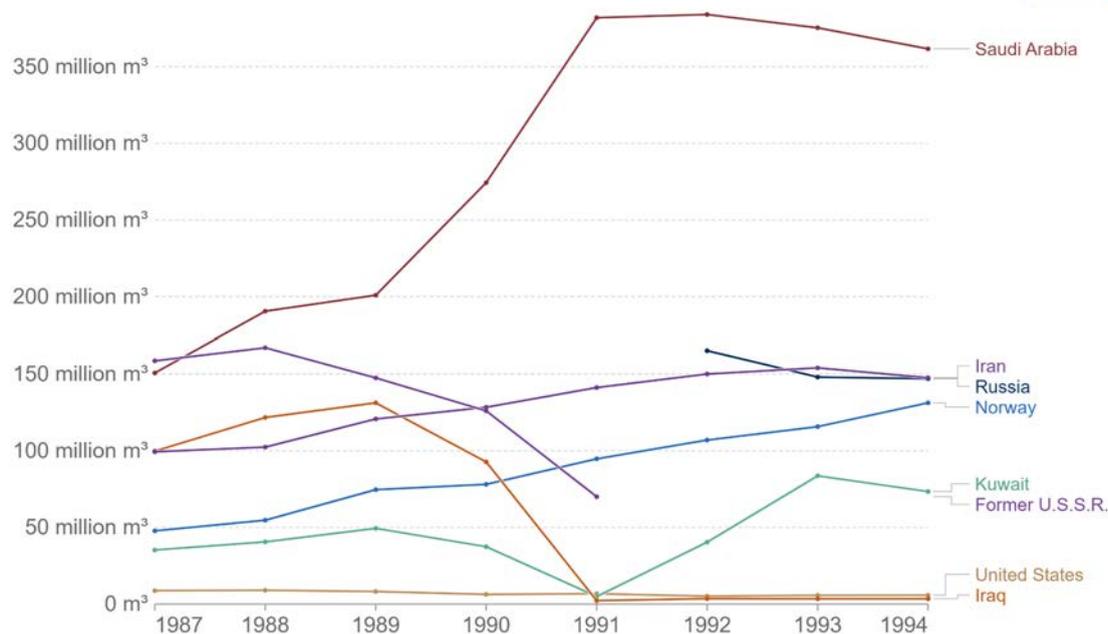
CC BY

Fonte: Our World in Data²⁰

Gráfico 7: Exportação de Petróleo Cru no Choque de 1990

²⁰ Disponível em:
<https://ourworldindata.org/explorers/natural-resources?tab=chart&time=1987-08-01..1994-08-01®ion=Asia&facet=none&country=USA~NOR~RUS~KWT~IRN~IRQ~SAU~Former+U.S.S.R.~VEN&Resource=Oil&Metric=Monthly+Production&Count=Total>

Crude oil exports

Our World
in Data

Source: US Energy Information Analysis (EIA)
 Note: This includes the production of crude oil, including lease condensate.

CC BY

Fonte: Our World in Data²¹

Imediatamente, os preços no mercado internacional escalaram. Era de se esperar que tal evento gerasse turbulência nos preços internacionais, já que, pela segunda vez em 10 anos, dois grandes produtores e exportadores de petróleo estavam envolvidos em um conflito bélico. O Kuwait, além de detentor de 10% da reserva mundial da *commodity*, era também responsável por 9% da capacidade produtiva da OPEP. Quanto ao Iraque, o embargo da ONU foi responsável por tirar do mercado um número entre 4 e 5 milhões de barris por dia. Na tabela abaixo, podemos ver como esses números se distribuem na época.

²¹ Disponível em:

<https://ourworldindata.org/explorers/natural-resources?tab=chart&time=1987..1994®ion=Asia&facet=none&country=USA~NOR~RUS~KWT~IRN~IRQ~SAU~Former+U.S.S.R.&Resource=Oil&Metric=Exports&Count=Total>

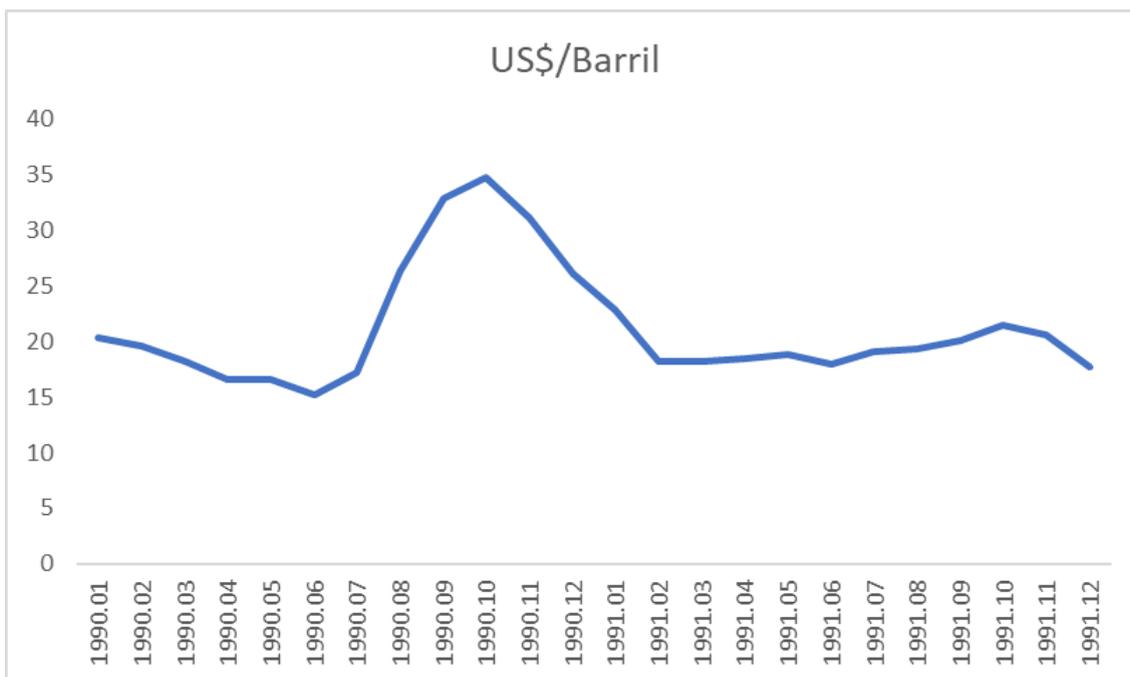
Tabela 4: Distribuição de Reservas Mundiais e Produção de Petróleo

PAÍSES	RESERVAS (% sobre reservas mundiais)	PRODUÇÃO (milhões de barris/dia)
Iraque	10,0	3,00
Kuwait	9,4	1,90
Arábia Saudita ..	25,5	5,60
Emirados Árabes .	9,8	1,90
Irã	9,3	3,00
Oman	0,4	0,60
Qatar	0,4	0,38
TOTAL	64,8	16,38

Fonte: Fraquelli (1990)

Assim, segundo dados do Banco Mundial, os preços iniciaram sua subida no dia 2 de agosto, o dia seguinte à invasão, atingindo cerca de US\$26,40. Nos dois meses seguintes a tendência se manteve, com os preços de setembro e outubro de 1990 sendo, respectivamente, US\$32,86 e US\$34,67. Esse foi o momento em que os preços atingiram seu pico, representando uma alta de 102% frente ao valor de julho do mesmo ano.

Gráfico 8: Preço do Barril de Petróleo em dólares americanos 1990-1991



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do FMI²²

Como é possível ver no gráfico, ainda que a desventura de Saddam Hussein estivesse a alguns meses do fim, o mercado internacional já havia precificado uma redução no valor do óleo. Isso ocorreu por causa de uma conjunção de fatores. Diferentemente das crises anteriores, ainda que por algum momento os ânimos tenham se exaltado, o mercado não entrou em pânico. Assim, a demanda pela *commodity* foi mais contida em relação aos choques anteriores. Somado a isso, mais uma vez, o governo saudita foi preciso e eficaz em aumentar sua produção de petróleo, evitando que a oferta fosse reduzida por muito tempo, convencendo o mercado de que não haveria grande risco de escassez. E, por fim, a rápida e afirmativa resposta das forças da coalizão em repelir tropas iraquianas afastou a possibilidade de que a produção saudita pudesse ser afetada por uma invasão do Iraque.

A queda em meados de janeiro de 1991, foi acompanhada da primeira vitória dos aliados sobre o exército de Saddam. Segundo Criqui (1991), a capacidade do mercado de reagir rapidamente no curto prazo, ainda que exposto ao longo prazo, foi responsável pela queda dos preços quando a mídia internacional, que realizou a cobertura do conflito, mostrou a superioridade da força aérea americana. Mais tarde,

²² Disponível em: <https://data.imf.org/?sk=4c514d48-b6ba-49ed-8ab9-52b0c1a0179b>

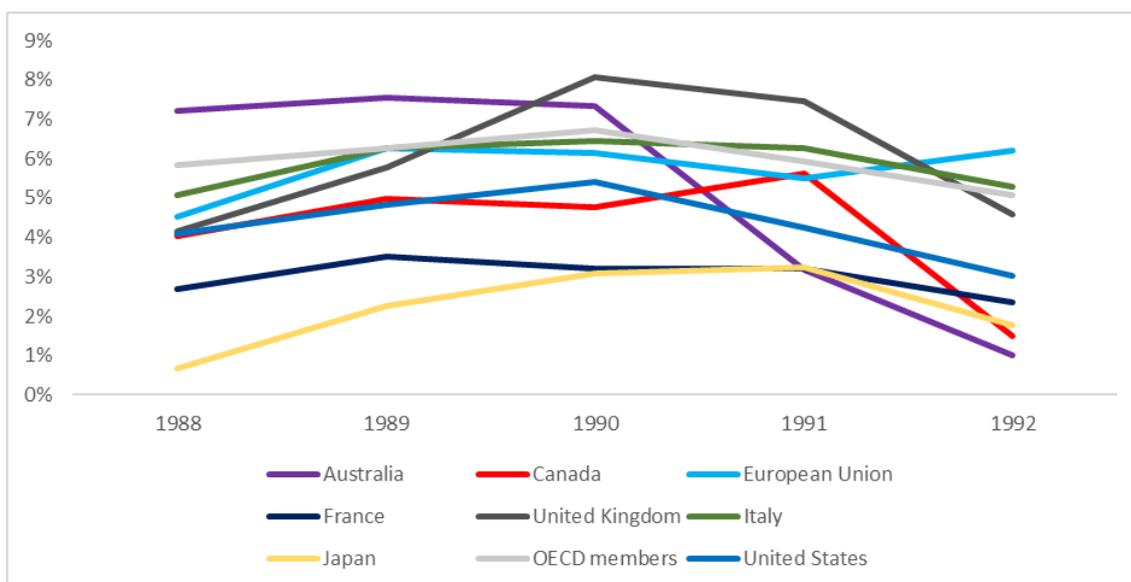
uma nova queda dos preços sucedeu a decisão da IEA de complementar a oferta internacional com a liberação de 2,5 milhões de barris por dia de seus estoques por 30 dias. Seguindo a tendência da guerra, os preços reagiram ao que parecia a inevitável vitória da coalizão.

4.3 - Efeitos Econômicos do Choque de 1990 e Diferenças em Relação aos Choques Passados

A Guerra do Golfo provocou uma acentuada alavancada dos preços de petróleo no mercado internacional. Assim como nos choques anteriores, o maior nível de preços foi responsável por diminuir a demanda dos consumidores nas economias via aumento de preço de bens e serviços, cujo óleo é componente vital e exerce grande influência. No entanto, quando comparado aos outros choques, a duração e a magnitude do aumento do valor da *commodity* foram significativamente inferiores.

Durante a década de 80, as economias se mostraram preocupadas com a inflação, que vinha se mantendo relativamente alta por grandes períodos. Como mostra o Gráfico 9, produzido a partir de dados do Banco Mundial, o Reino Unido era um dos países cuja inflação permanecia em patamares mais elevados, em 5,76% em 1989, crescendo para 8,06% no ano do choque. A Itália, por exemplo, era outro país com inflação persistentemente alta. O valor de 6,26% de 1989 sofreu pouca alteração frente ao choque, chegando a 6,46% e depois reduzindo a 6,15%. Os Estados Unidos tinham inflação de 4,83%, elevada para 5,40% no ano do choque, e regredindo para 4,23% no ano seguinte.

Gráfico 9: Taxa de Inflação no Período da Guerra do Golfo



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Banco Mundial²³

No geral, os índices de preço das principais economias não sofreram grandes alterações. Isso ocorreu em grande parte, além da menor magnitude do choque, por conta das taxas de juros já altas nessas economias. As altas taxas de juros reais, que vinham sendo em grande parte carregadas desde a crise anterior, foram mantidas²⁴. Antes do choque, já era previsto a manutenção do nível mais alto dos juros reais, já que era o mecanismo usado pelos bancos centrais para combater a inflação. Após longos períodos expostos a taxas de juros elevadas, as economias já demonstraram sinais de fraqueza. Com isso, os resultados esperados de baixo crescimento ou recessão se tornaram realidade. Na União Europeia, o crescimento foi reduzido de 3,38% em 1990 para a casa de 1,80% nos dois anos seguintes. O Japão também teve seu crescimento reduzido por dois anos depois da crise, quando seu crescimento de 4,84% em 1990 caiu para 0,90% em 1992. Das grandes economias, o Reino Unido e os Estados Unidos foram duas das que mais sofreram. Ambas, que já vinham de baixo crescimento derivado da alta taxa de juros real, vivenciaram uma recessão no ano de 1991 equivalente a -1,10% e -0,10%, respectivamente. O Gráfico 10 mostra essa variação. Para os países menos desenvolvidos, segundo classificação da ONU, a situação também foi parecida. A alta dos preços gerou grande deterioração na balança comercial, gerando

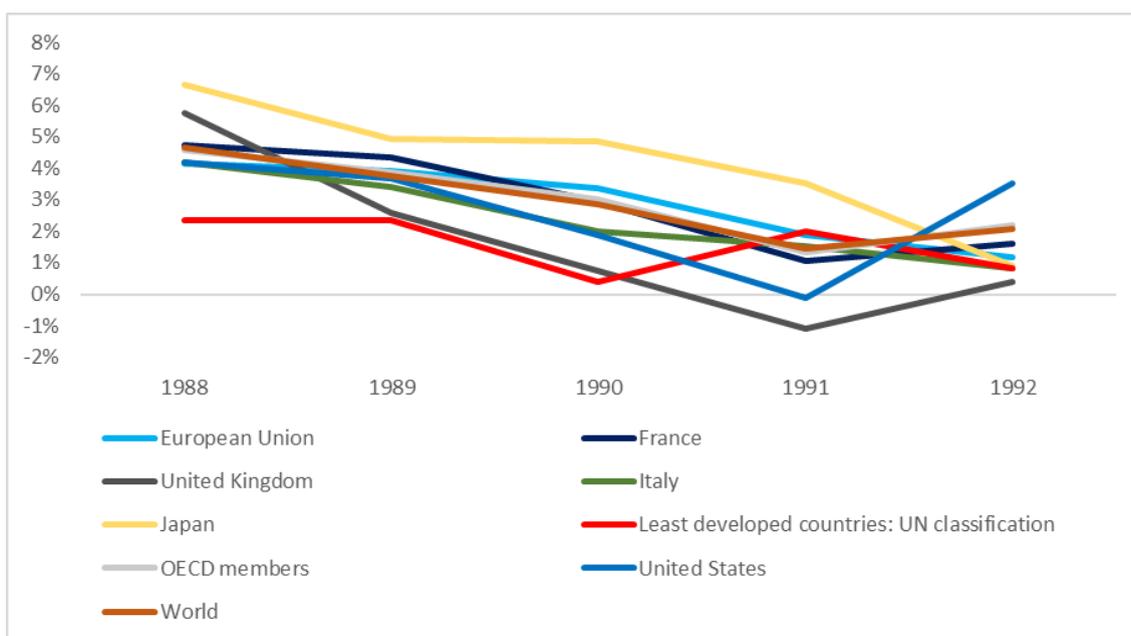
²³ Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicador/FP.CPI.TOTL.ZG?view=chart>

²⁴ Disponível em:

<https://data.worldbank.org/indicador/FR.INR.RINR?end=2021&start=1985&view=chart&year=2016>

efeitos adversos, ainda assim não foi o suficiente para fazê-los passarem por uma recessão, quando consideramos a média do grupo.

Gráfico 10: Variação do Crescimento do PIB das Economias no Contexto da Guerra do Golfo



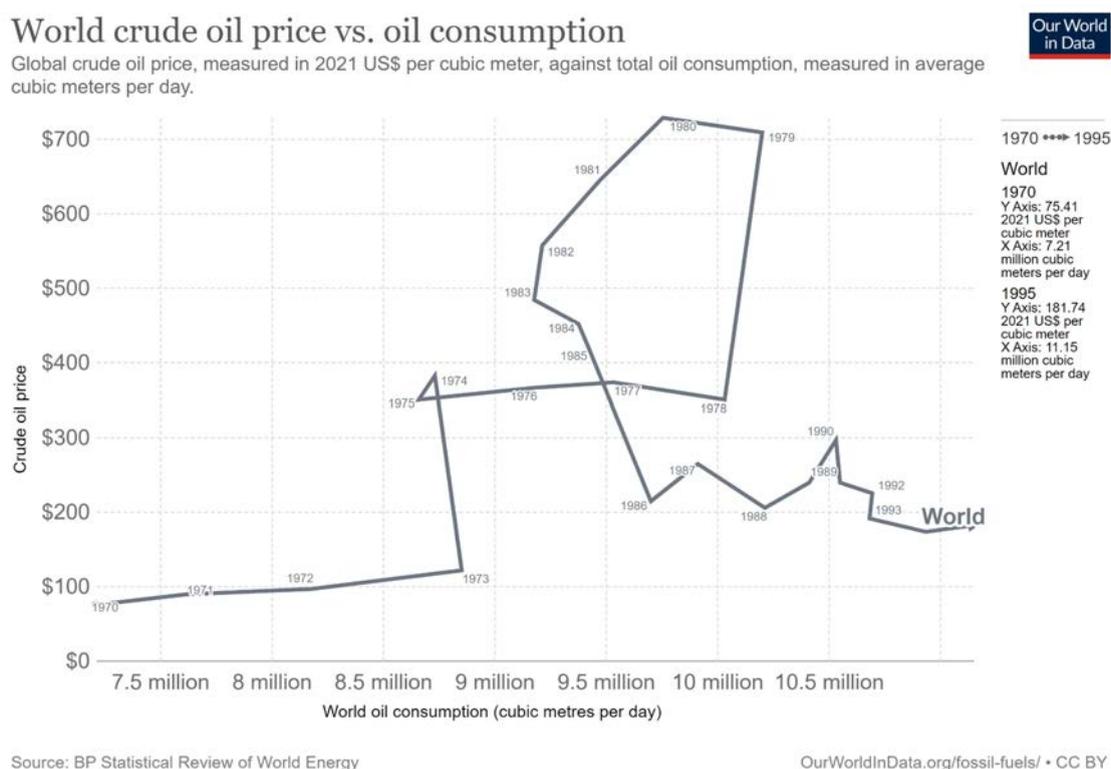
Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Banco Mundial²⁵

A atuação conjunta das forças internacionais e a experiência com as duas crises do petróleo passadas foram fatores essenciais para que o choque fosse contido. O uso dos estoques se mostrou um mecanismo relevante, capaz de fornecer a segurança necessária para que o pânico não fosse desencadeado sobre o mercado comprador. Além disso, a OPEP foi capaz de muito rapidamente aumentar a produção dos seus demais membros, repondo a oferta de barris e mostrando que estavam dispostos a evitar um terceiro choque violento. Como vimos, de certa forma, a frieza do mercado fez com que os preços futuros não descolassem muito, já caindo no final de 1990, o que também colaborou para evitar o pânico. Por fim, as negociações durante a invasão e a efetividade da reação mundial, ajudaram o mercado a prever com mais precisão o futuro da principal *commodity*. Assim, o terceiro choque teve uma duração curta, com efeitos

²⁵ Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.KD.ZG?view=chart>

fortes, sim, mas longe da magnitude dos ocorridos em 73 e 79. Como podemos ver abaixo, o consumo de petróleo frente ao aumento dos valores do barril não chegou a sofrer retração, apenas se mostrou mais contido.

Gráfico 11: Consumo de Petróleo Baseado no Preço do Barril 1970-1995



Fonte: Our World in Data²⁶

²⁶ Disponível em:
<https://ourworldindata.org/grapher/world-crude-oil-price-vs-oil-consumption?time=1970..1995>

5 - O Conflito na Ucrânia e o Impacto Sobre a Economia Mundial

5.1 - A Guerra da Ucrânia

Em 2014, o povo ucraniano tomou as ruas de Kiev em manifestações contra o governo que ficaram conhecidas como “*Euromaidan*”. Na época, o então presidente Viktor Yanukovich ensaiava uma aproximação maior com o ocidente através da assinatura de um acordo de associação com a União Européia, desejo antigo da população. No entanto, após a visita do líder russo Vladimir Putin, Yanukovich recuou, e em vez disso, sinalizou uma aproximação da União Econômica da Eurásia, bloco análogo à UE mas encabeçado pela Rússia e com membros como o Cazaquistão e a Bielo-Rússia que seria criado no começo de 2015. Isso provocou a ira da população, fazendo com que logo as ruas fossem tomadas por manifestantes. Com o tempo, o número de manifestantes contra o presidente ucraniano cresceu o suficiente a ponto de não poder mais ser ignorado. Numa jogada política com o governo russo, o governo ucraniano autorizou o uso de força policial para retirar os manifestantes. A excessiva força utilizada pelas forças de segurança pública, entretanto, acabou sendo um tiro no pé. O sentimento de revolta uniu a população que se mobilizou em atos contra o presidente ucraniano e o governo russo. Os conflitos entre policiais e manifestantes se intensificaram, deixando mortos e feridos em diferentes ocasiões. Assim, foram acordadas novas eleições ao fim do ano. No entanto, a fuga de Yanukovich do país fez com que as eleições fossem adiantadas, e o resultado culminou na eleição com folga de Petro Poroshenko, pró-ocidente.

Ainda que a Rússia tenha falhado politicamente em exercer seu controle sobre a Ucrânia, nação sobre a qual Putin diz ser artificial e que deveria se unir com a Rússia e a Bielo-Rússia por serem um só povo, soldados russos iniciaram um movimento na região da Criméia, que acabou anexada, assim como em Donetsk e Luhansk, onde manifestantes pró-rússia insurgiram mas, como não havia apoio popular para a anexação, autodeclararam-se repúblicas populares. A ofensiva gerou resposta do governo de Poroshenko. O conflito, que ficou conhecido como a Guerra de Donbass,

acabou com a vitória militar russa. No entanto, a situação política impediu a Rússia de exercer um domínio maior, permitindo apenas o uso de sua influência para abastecer a região.

O fim do mandato de Poroshenko foi sucedido pela eleição de Volodimir Zelensky, que até o presente momento se encontra no cargo. O seu governo ficou marcado pelo combate às estruturas de influência russas, buscando maior aproximação com a União Europeia e os Estados Unidos.

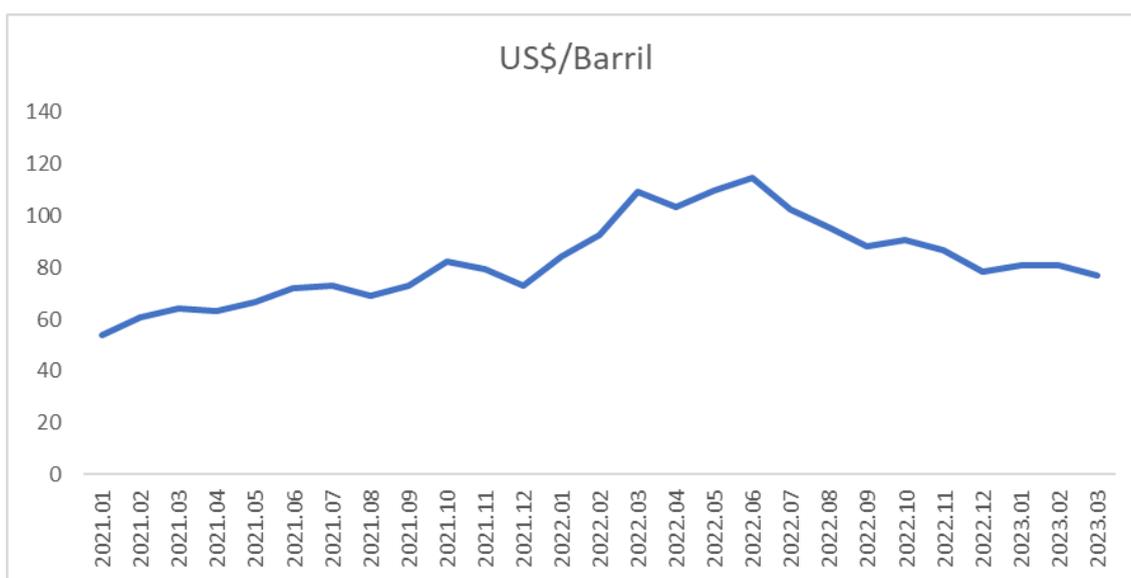
O embargo europeu e americano a Putin após a Guerra de Donbass enfraqueceu a economia russa. Além disso, a maior presença militar dos EUA no leste europeu desde o fim da Guerra Fria, levantou a atenção dos russos. Com a maior aproximação de Zelensky com a OTAN, Putin viu a oportunidade de reagir militar e economicamente, tomando as partes do território ucraniano de Donbass, região de onde o gás russo é majoritariamente exportado para o resto do continente. No mês de fevereiro de 2022 a Rússia invadiu a Ucrânia no que o presidente Vladimir Putin chamou de “operação militar especial”. Numa incursão que durou mais do que o previsto pelo governo russo, a disrupção sobre a oferta se mostrou mais clara, gerando grande aumento de preços. Importante ressaltar, que até o período de conclusão desta obra o conflito envolvendo as duas nações que uma vez estiveram unidas sobre a União Soviética ainda não encontrou seu fim, estando sujeito a grandes alterações em seu curso.

5.2 - O Impacto dos Embargos sobre o Petróleo Russo

O impacto sobre os preços do petróleo veio imediatamente após a invasão russa. O risco de interrupção no fornecimento fez com que o valor do barril escalasse de US\$84 dólares em janeiro para US\$109 dólares em março. O valor atingiu seu pico em junho, alcançando o valor de US\$114. É importante ressaltar que o preço do barril da *commodity* já vinha subindo desde 2021. O começo do fim da pandemia do Coronavírus devolveu o nível de consumo das economias, que ao reverterem as políticas de *lockdown* retomaram a atividade. A maior flexibilização e a volta da população às ruas promoveu o aumento da demanda por bens e serviços que, como

vimos, se relacionam diretamente com o petróleo. Dessa forma, a demanda pelo óleo cresceu de forma mais acelerada do que a oferta do mesmo. Um fator que colaborou para o fato da oferta não ter sido capaz de suprir a demanda foi a redução dos investimentos em exploração e produção de petróleo, muito por causa de pressões ambientalistas. O mau estigma do petróleo como fonte de energia fóssil poluente frente a uma sociedade que se mostra cada vez mais preocupada com temas ambientais, combinada com o menor consumo durante a pandemia, reduziu o número de investimentos no setor. Assim, quando a Rússia, segundo maior exportador de petróleo no mundo até então, iniciou uma guerra, o mercado precificou no valor do barril o risco de interrupção da oferta somado com uma oferta já insuficiente. O resultado pode ser visto no Gráfico 12 abaixo.

Gráfico 12: Flutuação do Preço do Barril de Petróleo 01/21-03/23



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do FMI²⁷

A reação das demais potências mundiais foi de tentar prestar ajuda à Ucrânia, porém sem que tivessem algum envolvimento direto no conflito armado. Foram, portanto, impostas uma série de sanções contra a economia russa. Dentre elas, os Estados Unidos e o Reino Unido baniram a importação de óleo russo, fazendo com que

a demanda sobre o óleo de outros produtores causasse aumento do preço no mercado internacional. O banimento de bancos russos do SWIFT, sistema bancário comum europeu, impôs custos de transação adicionais àqueles que ainda assim desejavam manter relações comerciais com Putin, o que também provocou a migração de importadores para novos fornecedores da *commodity*. Todos esses fatores combinados provocaram a disparada no preço do petróleo no mercado internacional. O choque, no entanto, não foi tão longo quanto podia se imaginar.

O movimento de desaceleração das economias a partir das taxas neutras de juros começou a fazer efeito. O menor consumo nas economias reduziu a demanda por petróleo e, conseqüentemente, a pressão sobre os preços. Além disso, a China e a Índia, aliadas da Rússia no BRICS, driblaram embargos econômicos e compraram petróleo russo com desconto. Segundo Cecilia Rouse, presidente do conselho de assessores econômicos de Joe Biden, parte da queda do preço do petróleo poderia ser explicada pela compra de petróleo russo pela China e pela Índia em quantidades maiores do que divulgadas. As duas grandes potências econômicas são grandes consumidoras da *commodity*, assim, ao reduzir a compra do óleo de outros produtores colaboraram também para permitir a queda do preço do barril.

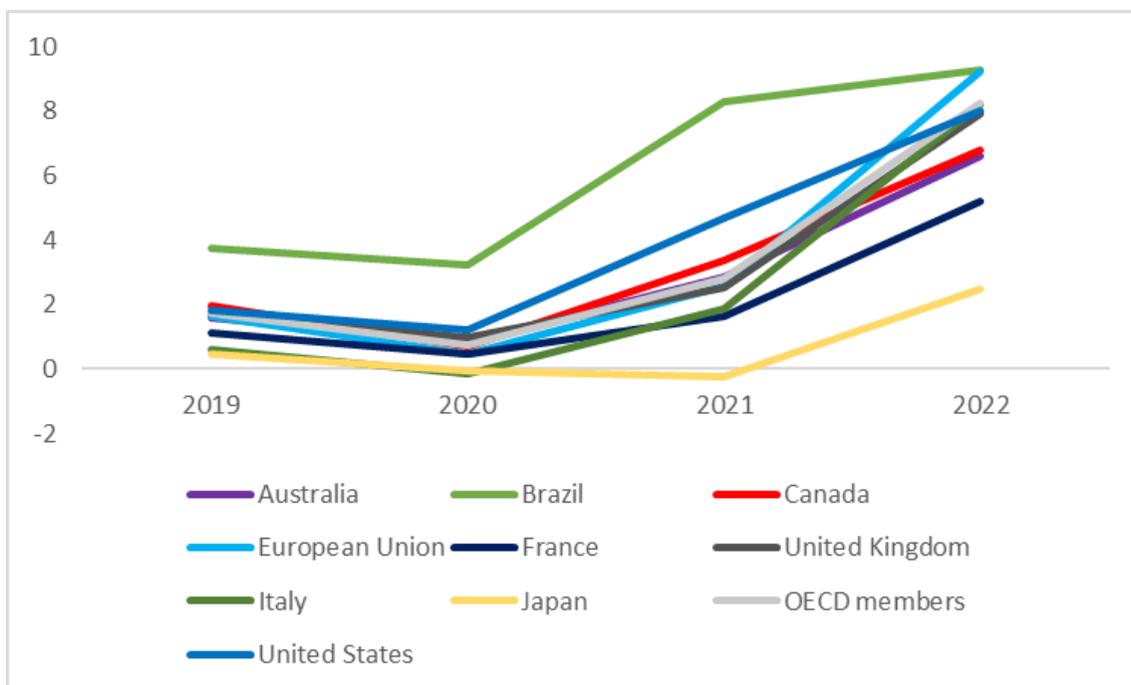
5.3 - Efeitos da Invasão Russa e Como o Mercado Absorveu os Impactos

Imediatamente após a invasão russa, o mercado já precificava o risco de falta de oferta do petróleo do segundo maior exportador do mundo. A rápida subida de preços se converteu em inflação de demais bens e serviços nas economias ao redor do mundo.

Reflexo direto da *commodity*, os preços dos produtos derivados de petróleo subiram significativamente. Esses produtos possuem grande relevância no cotidiano, passando por gasolina para o carro comum até a geração de energia em fábricas. Assim, o índice de preços no mundo sofreu grandes altas. Dados do Banco Mundial mostram como foi a variação. Nos Estados Unidos, a inflação de 4,7% em 2021 bateu 8% em 2022. Já no Reino Unido, o cenário foi pior. A inflação moderada de 2,5% de 2021 mais do que triplicou, atingindo 7,9% no ano seguinte. Entre os membros da OCDE o movimento foi o mesmo, o valor médio de 2,8% foi para 8,2% no ano a ano. Se

considerarmos a média dos países do bloco europeu, a variação foi 2,5% para 9,2%. No Brasil, a inflação já estava num percentual mais elevado, mas ainda assim subiu de 8,3% para 9,3%. O Gráfico 13 abaixo nos mostra os dados.

Gráfico 13: Variação da Taxa de Inflação entre 2019-2022



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Banco Mundial²⁸

A reação dos bancos centrais veio através do aumento das taxas de juros. O mundo começou a aplicar seu ciclo de juros neutros altos para frear a economia,

²⁸ Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicador/FP.CPI.TOTL.ZG?view=chart>

reduzindo o nível de consumo até que os níveis de inflação voltem para um patamar saudável. Segundo dados do site “*Investing.com*”, o FED americano anunciou sua sequência de alta em março de 2022, realizando aumento gradual. Hoje, a taxa praticada é de 5% a 5,25%. Por algum tempo se discutiu a possibilidade de uma recessão nos EUA, acentuada pela falência do *Silicon Valley Bank (SVB)* que trouxe à tona o risco de uma corrida bancária, mas no momento o cenário parece mais distante. Na Zona do Euro o movimento é semelhante, porém com começo um pouco mais tardio. Em julho do ano passado o BCE decidiu começar sua alta de juros, que hoje está no nível de 4%. O Banco Central Brasileiro largou na frente nesse quesito. Sobre o mandato de Campos Neto a Selic já começou seu ciclo de alta ainda em 2021. A antecedência do BC em combater a inflação pode ter colocado o país em uma posição economicamente vantajosa, onde já se discute uma redução de juros em um futuro próximo. Ao que os indicadores indicam até aqui, não deve haver recessão, apenas a diminuição do ritmo de crescimento. A Tabela 5 a seguir mostra os níveis de juros de diferentes Bancos Centrais.

Tabela 5: Taxas de Juros Neutros e Próximas Reuniões de Conselhos de Política Monetária Locais

Taxas de Bancos Centrais »		
Banco Central	Juros	Reunião
 BCB	13,75%	02.08.2023
 ECB	4,00%	27.07.2023
 FED	5,25%	26.07.2023
 BOE	5,00%	03.08.2023
 SNB	1,75%	21.09.2023
 RBA	4,10%	04.07.2023
 BOC	4,75%	12.07.2023

Fonte: Investing.com²⁹

²⁹ Bancos Centrais, Investing.com, 2023. Disponível em: <https://br.investing.com/central-banks/>. Acesso em 30/06/2023.

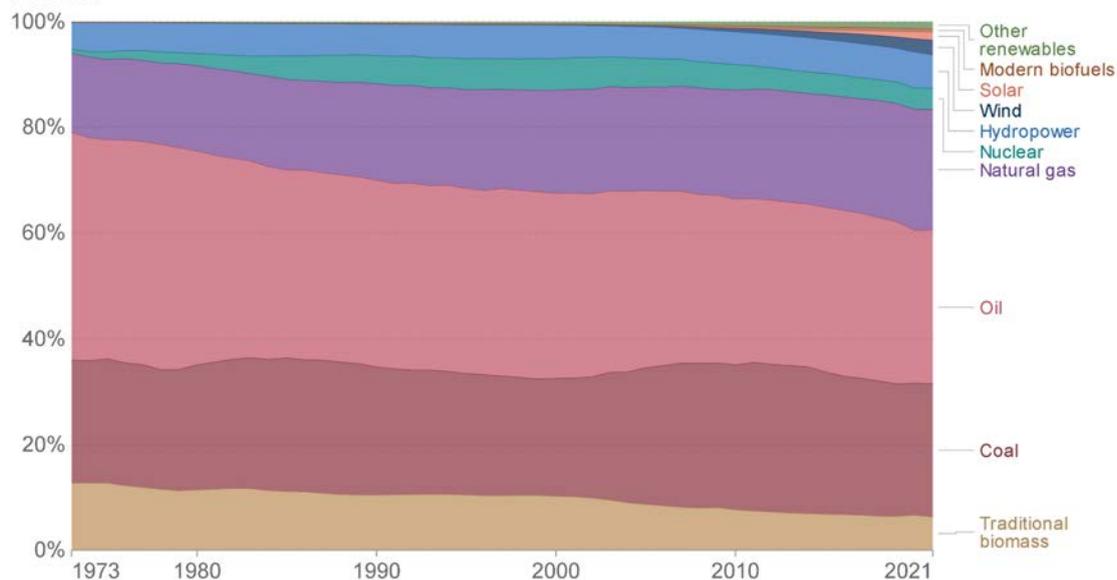
Com os dados disponíveis hoje, tudo leva a crer que as economias serão capazes de efetuar o chamado “pouso suave”, e que os preços do petróleo não devem prejudicar por muito mais tempo. Assim, com os dados que temos dos acontecimentos até aqui, somos levados a concluir que, assim como em 1990, o choque nos preços do petróleo não provocaram uma consequência tão grande na economia quanto se temia. Mais uma vez, alguns fatores diferenciam os choques mais severos de 73 e 79. Primeiramente, o mundo não é mais o mesmo. Hoje, avanços tecnológicos permitiram que novas fontes energéticas fossem exploradas, reduzindo a dependência de petróleo. No Gráfico 14 podemos ver como o petróleo perdeu espaço, apesar de ainda ser a principal fonte de energia.

Gráfico 14: Evolução da Matriz Energética Mundial

Global primary energy consumption by source

Our World
in Data

Primary energy is calculated based on the 'substitution method' which takes account of the inefficiencies in fossil fuel production by converting non-fossil energy into the energy inputs required if they had the same conversion losses as fossil fuels.



Source: Our World in Data based on Vaclav Smil (2017) and BP Statistical Review of World Energy
OurWorldInData.org/energy • CC BY

Fonte: Our World in Data³⁰

Outros fatores que podemos citar como relevantes para diferenciar a menor magnitude dos impactos foi o fato de alguns países já estarem preparados para uma alta de juros por conta dos níveis de inflação pós-pandemia, fazendo com que as respostas fossem mais rápidas. Por fim, a experiência adquirida com os outros choques pode ter acrescentado muito na tomada de decisão dos “*market makers*”, que souberam ter parcimônia e evitar o consumo desenfreado pelo pânico.

³⁰ Disponível em: <https://ourworldindata.org/energy-mix>

6 Conclusão

A descoberta do petróleo sem sombra de dúvida alterou o curso da humanidade. Sem ele o mundo como conhecemos hoje não existiria. Para obter seu controle, o ser humano travou guerras e explorou zonas inóspitas. Ter o controle do “ouro negro” sempre foi sinônimo de riqueza, porém, em 1973 ele se tornou também sinônimo de poder. Sua relevância para o mundo mostrou as economias muito vulneráveis à suas flutuações, abrindo margem para que quem o controlasse o usasse como arma. E assim, foi feito. O embargo árabe em 1973 mostrou ao mundo o poder destrutivo que o seu preço tinha, causando elevados níveis de inflação e recessão nas principais economias do mundo.

Anos mais tarde, a humanidade viu a magnitude dos impactos socioeconômicos que a disrupção da oferta poderia causar. A possibilidade de a principal matéria-prima da indústria mundial se escassear jogou o mundo numa espiral de pânico e inflação, tornando a compra a qualquer preço aceitável pelo medo de que amanhã seria pior. Mais

uma vez, mas mais do que nunca, o mundo viu o petróleo ser o epicentro de uma profunda crise econômica onde o pesadelo da estagflação assombrou os governantes.

Felizmente, ao que tudo indica uma lição foi aprendida disso tudo, de forma que os responsáveis pelas políticas fiscal e monetária aprenderam a como se portar nessas situações. O choque de 1990, apesar de contar com outros fatores políticos, não teve a mesma gravidade que os anteriores. Ainda que tenha havido inflação e recessão, parte dos países conseguiu contornar o choque dentro de um ano, aplicando políticas de restrição monetária e fazendo uso de sua taxa de juros para frear a economia.

Anos mais tarde o fenômeno se repete. O envolvimento do segundo maior exportador de petróleo do mundo em um conflito local abala o mundo economicamente. Fatores como a mudança da matriz energética e brechas no embargo tornaram o choque mais ameno, mas com consequências que ainda estão para serem medidas com precisão.

Ao longo da obra, pudemos analisar como o um conflito, seja ele de pequena ou larga escala, mas de âmbito local, se tornou um problema para todo o mundo. Através dos mecanismos das economias, fortemente interligadas desde o começo do processo de globalização, efeitos são espalhados e até amplificados, podendo gerar perdas gigantescas na economia mundial. Ainda que o mundo hoje não seja o mesmo dependente de petróleo que era anos atrás, e que medidas de combate à inflação sejam melhor compreendidas hoje, há temor e insegurança sempre que a principal commodity tem sua oferta ameaçada.

7 Bibliografia

AFARY, Janet, Iranian Revolution, Encyclopedia Britannica, 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Iranian-Revolution>. Acesso em 20 jun 2023.

AKINS, J. E. The Lingering Death Of OPEC. Annual Meeting Papers, Division of Production, [s. l.], 1985. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edsonp&AN=edsonp.API.85.N001&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 14 jun. 2023.

ALLAN MELTZER. Economic Policy After the 1979 Oil Shock. United States, North America, 1 jan. 2018. DOI 10.1184/r1/6705257.v1. Disponível em:

<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edsbas&AN=edsbas.D5998A75&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 14 jun. 2023.

AZEVEDO, Vitor, Aumento de produção da OPEP+ é visto como insuficiente para suprir demanda e petróleo fecha em alta, Infomoney, 2022. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/mercados/aumento-producao-opep-insuficiente-para-suprir-demanda-petroleo-fecha-em-alta/>. Acesso em 28 jun 2023.

Bancos Centrais, Investing.com, 2023. Disponível em: <https://br.investing.com/central-banks/>. Acesso em 30/06/2023.

BURCH, K. Iran-Iraq War. Salem Press Encyclopedia, [s. l.], 2023. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=ers&AN=89315085&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 30 jun. 2023.

CARVALHO, Anna Paula; SOUZA, Giovanna. Guerra na Ucrânia e a urgente readequação dos mercados, EPBR, 2022. Disponível em: <https://epbr.com.br/guerra-na-ucrania-e-a-urgente-readequacao-dos-mercados/>. Acesso em 28 jun 2023.

CASTILLO, P.; MONTORO, C.; TUESTA, V. Inflation, oil price volatility and monetary policy. Journal of Macroeconomics, [s. l.], v. 66, 2020. DOI 10.1016/j.jmacro.2020.103259. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edselp&AN=S0164070420301841&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 22 jun. 2023.

Compra de petróleo russo por China, Índia pode ter baixado preço, MoneyTimes, 2022. Disponível em: <https://www.moneytimes.com.br/compra-de-petroleo-russo-por-china-india-pode-ter-baixado-preco/>. Acesso em 28 jun 2023

CRIQUI, P. After the Gulf Crisis: the third oil shock is yet to come. Energy Studies Review, [s. l.], v. 3, n. 3, p. 205, 1991. DOI 10.15173/esr.v3i3.248. Disponível em:

<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edo&AN=8438276&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 29 jun 2023.

CROW, P. Remembering the 1973 embargo. *Oil & Gas Journal*, [s. l.], v. 91, n. 41, p. 32, 1993. Disponível em:

<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edo&AN=9402151045&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 28 jun. 2023.

DUNN, J. P. Iranian Revolution. *Salem Press Encyclopedia*, [s. l.], 2023. Disponível em:

<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=ers&AN=89315083&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 30 jun. 2023.

FAIR, R. C. Estimated Effects of the October 1979 Change in Monetary Policy on the 1980 Economy. *The American Economic Review*, [s. l.], v. 71, n. 2, p. 160–165, 1981. Disponível em:

<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edsjsr&AN=edsjsr.1815711&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 22 jun. 2023.

FRAQUELLI, A. C. C. As economias desenvolvidas e o conflito no Golfo Pérsico. *Indicadores Econômicos FEE*; v. 18, n. 3 (1990, [s. l.], 2008. Disponível em:

<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edsbas&AN=edsbas.5448491D&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 29 jun 2023.

FUSER, I. [UNESP]. *O petróleo e o envolvimento militar dos Estados Unidos no Golfo Pérsico (1945-2003)*. [s. l.]: Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2005. ISBN 3300-4110. Disponível em:

<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edsndl&AN=edsndl.IBICT.oai.repositorio.unesp.br.11449.96295&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 30 jun. 2023.

GIOVANNI FAVERO; ANGELA FALOPPA. *Price regimes, price series and price trends: oil shocks and counter-shocks in historical perspective*. Italy, Europe: I.B. Tauris

Publishers, 2018. Disponível em:

<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edsbas&AN=edsbas.C73BD5&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 14 jun. 2023.

HAAS, M. Gulf War. Salem Press Encyclopedia, [s. l.], 2022. Disponível em:

<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=ers&AN=89112554&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 30 jun. 2023.

HARDY, Roger. Crise do Canal de Suez fez de Nasser um ícone árabe, BBC, 2006.

Disponível em:

https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2006/07/printable/060725_nassersuez_is

How 50 thousand American advisors infiltrated Iran during Pahlavi, Islamic Revolution Document Center, 2015. Disponível em:

<https://irdc.ir/en/news/57/how-50-thousand-american-advisors-infiltrated-iran-during-pahlavi>. Acesso em 28 jun 2023.

How does the war in Ukraine affect oil prices?, The World Economic Forum, 2022.

Disponível em:

<https://www.weforum.org/agenda/2022/03/how-does-the-war-in-ukraine-affect-oil-price/>. Acesso em 28 jun 2023.

KANOVSKY, E. The economic consequences of the Persian Gulf War: accelerating OPEC'S demise. Washington, D.C.: Washington Institute for Near East Policy, 1992. ISBN 978-0-944029-18-3. Disponível em:

<https://www.washingtoninstitute.org/media/3642?disposition=inline>. Acesso em: 30 jun. 2023.

KATAYAMA, M. Dynamic analysis in productivity, oil shock, and recession. [s. l.], 2008. Disponível em:

<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edsndl&AN=edsndl.OCLC.oai.xtcat.oclc.org.OCLCNo.271676042&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 14 jun. 2023.

LOMAX, D. F. The Second Oil Shock: 1979–80. London: Palgrave Macmillan UK, 1986. ISBN 978-1-349-07767-0. DOI 10.1007/978-1-349-07765-6_3. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edssjb&AN=edssjb.978.1.349.07765.6.3&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 14 jun. 2023.

LADEIRA, Sávio. 1 ano de guerra na Ucrânia: entenda as diferentes fases da invasão russa, G1.com, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/ucrania-russia/noticia/2023/02/24/1-ano-de-guerra-na-ucrania-entenda-as-diferentes-fases-da-invasao-russa.ghtml>. Acesso em 28 jun 2023.

MACHADO, Nayara, iden proíbe importação de óleo, gás e carvão russos; UE lança plano de “independência de fósseis”, EPBR, 2022. Disponível em: <https://epbr.com.br/biden-proibe-importacao-de-oleo-gas-e-carvao-russos-ue-lanca-plano-de-independencia-de-fosseis/>. Acesso em 28 jun 2023

MANKOFF, Jeffrey, Russia’s War in Ukraine: Identity, History, and Conflict, CSIS. 2022. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/russias-war-ukraine-identity-history-and-conflict>. Acesso em 28 jun 2023.

MOZÉE, Carla, Oil prices are coming down because looming economic growth risks outweigh tight supplies, energy expert Daniel Yergin says, The BusinessInsider, 24 jun 2022. Disponível em: <https://www.businessinsider.in/stock-market/news/oil-prices-are-coming-down-because-looming-economic-growth-risks-outweigh-tight-supplies-energy-expert-daniel-yergin-says/articleshow/92442662.cms#:~:text=Daniel%20Yergin%20says-,Oil%20prices%20are%20coming%20down%20because%20looming%20economic%20growth%20risks,energy%20expert%20Daniel%20Yergin%20says&text=Oil%20prices%20have%20been%20sliding,Europe%2C%20Daniel%20Yergin%20told%20CNBC>. Acesso em 28 jun 2023

Nasser morre, vítima de ataque cardíaco, e Sadat se torna presidente do Egito. O GLOBO, 20/09/2013Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/acervo/fatos-historicos/nasser-morre-vitima-de-ataque-cardiac-o-sadat-se-torna-presidente-do-egito-10059931>

OSTRY, S. The World Economy in 1983: Marking Time. *Foreign Affairs*, [s. l.], v. 62, n. 3, p. 533–560, [s. d.]. Disponível em:
<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=sih&AN=4854014&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 14 jun. 2023.

PAULA RUBEA BRETANHA MENDONCA EBRAICO. [en] AMERICAN GEOPOLITICAL OPTIONS: THE CASE OF PERSIAN GULF. [s. l.], 2006. DOI 10.17771/PUCRio.acad.8064. Disponível em:
<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edsndl&AN=edsndl.rio.br.oai.MAXWELL.puc.rio.br.8064&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 30 jun. 2023.

PAVRI, T. Six-Day War. *Salem Press Encyclopedia*, [s. l.], 2022. Disponível em:
<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=ers&AN=89311909&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 28 jun. 2023.

RAY, Michealt, Russia-Ukraine War, *Encyclopedia Britannica*, 2023. Disponível em:
<https://www.britannica.com/event/2022-Russian-invasion-of-Ukraine>. Acesso em 20 jun 2023.

Silva, Daniel Neves. “Guerra do Golfo”; *Mundo Educação*. Disponível em:
<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/guerra-golfo.htm>. Acesso em 30 de junho de 2023.

SILVA, Daniel Neves. "Guerra do Golfo"; *Brasil Escola*. Disponível em:
<https://brasilescola.uol.com.br/historiag/guerra-golfo.htm>. Acesso em 30 de junho de 2023.

STEVENSON, Patrick E. Tyler Richard W, Profound Effect on U.S. Economy Is Seen From a War Against Iraq, *The New York Times*, 30 jul 2002. Disponível em:
<https://www.nytimes.com/2002/07/30/world/profound-effect-on-us-economy-is-seen-from-a-war-against-iraq.html>. Acesso em 25 jun 2023.

TAYLOR, J. B. Changes in American Economic Policy in the 1980s: Watershed or Pendulum Swing? *Journal of Economic Literature*, [s. l.], v. 33, n. 2, p. 777–784, 1995.

Disponível em:

<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edsjsr&AN=edsjsr.2729027&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 22 jun. 2023.

The Editors of Encyclopaedia, "Iran-Iraq War", *Encyclopedia Britannica*, 2023.

Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Iran-Iraq-War>. Acesso em 20 jun 2023.

The Editors of Encyclopaedia, "Persian Gulf War", *Encyclopedia Britannica*, 2023.

Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Persian-Gulf-War>. Acesso em 28 jun 2023.

The Editors of Encyclopaedia, "Yom Kippur War", *Encyclopedia Britannica*, 2023.

Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Yom-Kippur-War>. Acesso em 14 jun 2023

The Impact of The Gulf Crisis on Developing Countries, Overseas Development

Institute, 1991. Disponível em:

<http://cdn-odi-production.s3-website-eu-west-1.amazonaws.com/media/documents/6770.pdf>. Acesso em 28 jun 2023.

Today's oil shock pales in comparison with those of yesteryear, *The Economist*, 2022.

Disponível em:

https://www.economist.com/graphic-detail/2022/03/15/todays-oil-shock-pales-in-comparison-with-those-of-yesteryear?utm_medium=cpc.adword.pd&utm_source=google&ppc_campaignID=19495686130&ppcadID=&utm_campaign=a.22brand_pmax&utm_content=conversion.direct-response.anonymous&gclid=CjwKCAjwyqWkBhBMEiwAp2yUFncHDGN5WSY1nCCzuJlrDRVIV4n5c0uFza-u3QwB_HKkruI7IOXVERoCBm0QAvD_BwE&gclid=aw.ds. Acesso em 28 jun 2023.

TÚLIO SÉRGIO HENRIQUES FERREIRA; PAMELLA NOEMI RODRIGUES GALVÃO. O Irã do Aiatolá Khomeini: uma batalha ocidental sob a égide de Deus? *Mescla*; v. 1 n. 2 (2020); 99-112 ; 2675-391X, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edsbas&AN=edsbas.5D2D2AD1&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 15 jun. 2023.

TUSSING, A. . How To Think About Energy Prices. *SPE Annual Technical Conference and Exhibition*, [s. l.], 1984. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edsonp&AN=edsonp.SPE.13193.MS&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 14 jun. 2023.

WALKER, W. T. Yom Kippur War. *Salem Press Encyclopedia*, [s. l.], 2023. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=ers&AN=89316838&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 30 jun. 2023.

WATT, D. A. Arab oil embargo of 1973. *Salem Press Encyclopedia*, [s. l.], 2023. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=ers&AN=89550829&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 28 jun. 2023.

YERGIN, Daniel. **The prize**: the epic quest for oil, money, and power. 1ª edição. Nova Iorque, EUA: Simon & Schuster, 1991. Disponível em: <https://bhsecglobal.files.wordpress.com/2014/03/yergin-the-prize.pdf>. Acesso em 23 jun 2023.

Zona do Euro - Taxa de Juro, *Trading Economics*, 2023. Disponível em: <https://pt.tradingeconomics.com/euro-area/interest-rate>. Acesso em 29 jun 2023

